

# A VIDA INTENSA DE ÂNGELO PENTEADO



AGOSTINHO BOTH

O livro em torno de Ângelo Penteado é representativo das diferentes maneiras de lidar com a intimidade pessoal e as possibilidades de encaminhar o destino humano. A história tem como pano de fundo um homem inquieto por força de uma natureza exuberante e um modo particular de aproveitar as oportunidades, sem se deixar dominar pelas pressões sociais. Um aventureiro se delinea entre linhas: apenas um homem de nosso tempo, mas com um toque pessoal em lidar com ele. Os tumultos se precipitam e o personagem torna-se insatisfeito buscando em formas humanizadas corresponder melhor aos eventos incidentes em sua vida. Um vendedor de bebida pode ser muito mais que um pobre cristão em busca de sobrevivência. A leitura dos personagens em torno da fluidez e precariedade de princípios pode consolar quem quer buscar um pouco mais de alegria.

***A VIDA INTENSA***  
***DE***  
***ÂNGELO PENTEADO***

**Agostinho Both**

Passo Fundo  
1ª Edição  
Abril/ 2019



Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-CompartilhaGual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa, diagramação e revisão: Tânia Du Bois

Arte da Capa: Desenho / Pedro Du Bois / 2018

B749v Both, Agostinho

A vida intensa de Ângelo Penteadado [recurso eletrônico] / Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

3,6 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-396-8

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira – Rio Grande do Sul. 2. Ficção brasileira – Rio Grande do Sul. 3. Penteadado, Ângelo Clemente – Biografia. I. Título.

CDU: 929

869.0(816.5)-31

## **SUMÁRIO**

Apresentação	05
A Vida Intensa de Ângelo Penteadado	09
Um Amável Sonhador	11
Segunda Consulta	16
Falando em Maria	21
Um Encontro Não Marcado	24
Na Casa de Ângelo	27
Ângelo Penteadado Encontra Inspiração	30
Uma Terna Conversa	32
Conversas com Péricles	35
Lidando com a Sogra	40
Terceira Consulta	42
Péricles é Dispensado	45
Péricles e Ângelo, Cervejeiros	48
Parindo Nosso Destino	51
Novas Lições do Mestre	54
Em Casa	57
Quarta Conversa	60
O Poder da Cerveja	62

Quinta Conversa	99
Os Roncos do Vesúvio	68
Em Busca de Identidade	73
Um Evento Triste e Outros Mais	75
Tempos sem Misericórdia	79
Negócios da Liberdade	82
Clamores	86
Na Hora da Nossa Morte	89
Um dia com Elise	93
A Nova Vida de Helga e Mônica	97
Um Encontro Inesperado	102
Com Péricles	106
Retrato Infiel	110
Entrevista Final	113
A Ceia	116

## **APRESENTAÇÃO**

No livro, *A Vida Intensa de Ângelo Penteado*, Agostinho Both, com sua verve e vivência, conta sobre o personagem ao longo dos anos, quase epopeia, não fossem as circunstâncias não épicas do protagonista. Liberta-se das influências e chega à experimentação da singular beleza com que a trama se desenvolve em incontida emoção e prazer pelo ser humano. A relação de Ângelo para com o mundo, na construção *agostiniana*, transita pelo profano, em relação ao necessário contato com a *carne*, em paixões e amores, laços e desenlaces, sempre a traduzir as ações, personificadas por Penteado, nas experiências que o conduzem na constante luta consigo mesmo; na procura pela fuga que o auxilie no reencontro com a cotidiana realidade, permitindo conquistar a liberdade em sua intimidade.

O autor nos apresenta o protagonista, pelo nome de Ângelo Clemente Penteado. Faz justiça ao homem que transita a sua história entre anjos clementes e o *penteado* que, na significação gauchesca, traduz a pessoa lisa e ladina, entre outros depreciados adjetivos.

Agostinho traz o romance na trama emocional, conduzida em ritmo denso, com abordagem temporal e insinuante a envolver o leitor: temas fantásticamente realistas embarçam o tempo na divergência/convergência com que o personagem se situa, mesmo que transpire humanidade e amor. Também, assume dimensão histórica ao traduzir a trajetória familiar de Penteado na disponibilização da convergência dos conflitos amorosos em função das circunstâncias que, muitas vezes, o traduzem em solitários atos e pensamentos.

Em múltiplos trajetos, Mestre Agostinho concentra as conquistas e seduções; tramas e amores como percursos emocionais que permitem ao leitor acompanhar a formação dos personagens, em que a verdade interior se assemelha à visão aparente.

O autor provoca mudanças no desenrolar da vida nos personagens e centra o foco nos conflitos intercalados pela personalidade de Ângelo. Obra que aproxima o leitor do universo humano, na configuração de *Tolstoi*, através de diálogos que compartilham as aventuras de *Penteado* no decorrer da história, passando de relacionamento em relacionamento, para constatar a peculiaridade de gerir e perpetuar a vida, na perspectiva de que o seu sangue, humanamente, não lhe impeça de ceder às tentações.

A obra retrata os relacionamentos amorosos, familiares e negociais do autor em seu entorno, na (re)construção de ações através das intrigas e confissões, necessárias para manter o mistério e sua revelação.

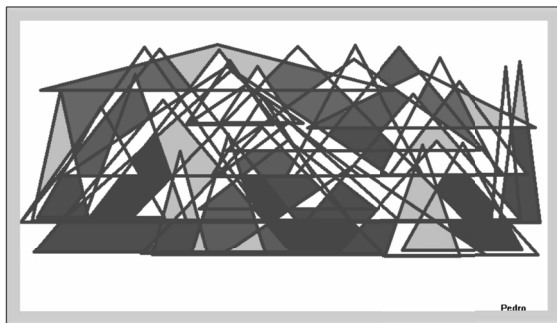
Traz a vida em diferentes versões, quer pelo protagonista, quer pelos demais personagens, na profusão de sentimentos fragmentados em sucessivos encontros e desencontros. A memória de *Penteado* pelas sensações que o tornam supérfluo, às vezes, pois, marcado pela juventude, sua natureza, conciliações e traições.

Leitura prazerosa e desafiadora pelo (des)encontro de intrincados amores com que o leitor se familiariza aos poucos; pela riqueza das cenas que concorrem para provocar reações em função do querer e o não querer, ter e não ter, haver e não haver, ficar ou sair, mudar ou permanecer em desejo; enfim, facetas que fazem deste romance, leitura prazerosa.

**Pedro Du Bois**  
poeta e contista



**A VIDA INTENSA  
DE  
ÂNGELO PENTEADO**





Ângelo Clemente Penteadado, senhor de porte médio, otimista inveterado, feito de alegrias breves e precárias. O sorriso transbordava com um senso de humor não hostil. O caráter vacilante se dá em recorrências diferentes. Não tem vocação de urutau, diversifica os postes e as razões de viver. Chegando aos anos adultos, não perdera o viço das contemplações de toda sorte. Não aceitava viver pela metade. Aos quarenta foi diagnosticado sofrer de neurose eufórica. Ao investigar junto a um psiquiatra, este formulou algumas explicações: hereditariedade de leve alteração hormonal com aprendizados de um pai com vistas largas para o horizonte.

A endorfina, serotonina, dopamina e ocitocina produzidas causaram admiração ao psiquiatra. Pouco entendeu quando o doutor afirmou haver nele importante produção de esteroides sexuais ou hormônios gonadais. Para melhores esclarecimentos foi ao psiquiatra do centro de saúde do bairro, que o informou:

— Carrega uma bela inclinação erótica. Cuide-se!

— Nada que não tenha sob controle. Vejo certa preocupação com a minha alegria. Minha mãe me critica: muito riso, pouco siso. Me entendo cheio de felicidade. Afirmando ser a euforia, um dos extremos do transtorno bipolar de humor. Falam de neurose eufórica. É verdade, estou na terceira mulher, ainda bem! Tudo sem litígio severo. A queixa delas se referia a minha ansiedade. Não falo de paixão, falo de afetividade mesmo. Claro, um pouco compulsivo...

Mais que tudo, fracasso quando a questão se volta para os deveres. Não me preocupo. Todos estão muito adiante dos problemas. Deixo-os chegar. As minhas mulheres sempre viam chifre em cabeça de cavalo. De tanto ouvir, você é irresponsável, acabei me cansando. Me

bastam os problemas quando eles sobrevivem. Quando velho me centrei um pouco mais. Tive dois filhos com uma delas e uma filha com a outra; quase me mataram e, se carrego um grau de ansiedade eventual, é de tanto elas me exigirem. Vê se pode: os meninos, Gabriel e Rafael, são garotos parrudos, e a Maria, a mãe, quase foi defunta de tanta preocupação. Declino logo o nome delas: Maria, Úrsula e Clara. Pra Maria cansei de falar: deixe de ser boba, o mundo anda devagar, calma. Viva com alegria, querida, desse jeito acabará como a mãe de Jesus ao pé da cruz. Não dá para levar tudo a sério. Os dois pequenos, sim, serão minha única responsabilidade. Poderei ganhar pouco, e o pouco será deles, assim dizia. Pra Úrsula, esclarecia pra ter a paciência da santa de igual nome. Essa veio a falecer de tanta preocupação. Dela nasceu Elise, a divina garota. Pra Clara avisava: faça como Jesus, não tema o dia de amanhã. Mas pouco adiantava, pois que ansiosa como cabritos, ratinhos, galinhas, pássaros e outros bichinhos famintos, As três detestavam a minha irreverência diante dos acontecimentos. A primeira me mandou embora. Eu fui. A segunda faleceu no caminho das preocupações. Com a terceira, preferi estar solito.

Depois dessa última psiquiátrica entrevista vi a nervosia do doutor. Na despedida, externou:

— A modernidade tem disto: elas, como nós homens, estamos diferentes. É difícil acertar as pontas.

— Brinquei: Cada um se alegra com a natureza como lhe convier. Não mato o que Deus me deu.

— Tenho prazer em ouvir tua forma de ser. Não entendo como doença esta maneira excessiva de ser.

— Cada um na sua. Ninguém encontrou a pessoa certa. Não existe modelo.

— Ângelo Penteado, sobrenome bem acertado.

O psiquiatra Boaventura, não contente em se admirar, foi ter com a minha mãe, a doce senhora Mônica.

A conversa ligeira não negaria os exageros da minha forma humana de ser. Pelas conversas com minha mãe deduzia o diálogo. Sabia de cor e salteado o pensamento dela a meu respeito.

— Não sei explicar a precoce alegria do meu filho. Antes de falar, sorria contente até nas mamadas. Meus dois seios eram objetos de alegria. Mamava não para se alimentar. Sentia nele o rostinho resplandecer. Muito cedo expressava outros contentamentos. O primeiro feijão e a primeira fruta deixaram meu machinho como se estivesse em êxtase. O que não consigo explicar diz respeito à felicidade quando começou a espreitar o mundo das palavras. Tudo se dizia nele semelhante a um novo sol a iluminar as coisas. A palavra árvore especificava uma sorte de ventura. As casas se diferenciavam. Olhava os telhados como se quisesse apanhá-los. Dita a palavra ia adiante pra depois repetir o termo a sorrir. Os telhados da alma, invisíveis se multiplicavam dentro dele. Certa feita, doutor, viu dentro dele um telhado azul a conversar com outros. Os irmãos maiores pediam pra narrar os peixes do mar imenso visto por ele. Mal tinha cinco anos quando fez o primeiro discurso sobre animais. Nenhum deles deixou de se apresentar. Todos, até aqueles que não tinham nada a ver com a realidade. Seres invisíveis de todas as formas e tamanhos mostravam-se revestidos de cores próprias. O meu professor de literatura, ao narrar-lhe os discursos de meu filho sobre os animais, se encantou:

— Teu filho cria outros seres imaginários, além daqueles criados por Borges.

— Quem é Borges?

Vieram vastas palavras pra dizer de Borges e seus livros. As referências foram muitas.

— Doutor, tenho *O livro dos Seres imaginários*, posso te emprestar. Os animais da inventada história natural de Borges se assemelham aos de Ângelo. Um deles, a quem o piá chamou Delinus, por parecer à professora Adelina, é cheio de certezas. Todos os animais

prestavam atenção às afirmações dele, quando falava. É ainda uma ave transportadora de ideias. Pensa e, no mesmo instante, está onde pensou. Tudo se forma conforme o interesse do meu filho. Tudo é além da medida. Os outros irmãos riam dele e das histórias. Ele se irritava por desacreditarem da sua imaginação. Falava agitado e invectiva contra eles: são burros, se contentam com o capim que têm.

— O guri pode ser escritor.

— Prefiro que seja inventor. Precisamos criar bem mais do que sermos apenas criaturas.

— Tu, como te sentes?

— Me vejo uma esfinge a me decifrar e a decifrar a vida do meu piá. Saiu-se a meu bisavô, sonhador inveterado. Pobre, metido numa casinha e nada mais. De boa prosa e de pouca solução. Os filhos não se foram de fome por causa de uma mulher de infinitas reverências. O trabalho insano da bisavó foi a salvação da casa, enquanto o velho senhor vivia de sentimentos bons, único consolo da senhora trabalhadora. Falam dele como um filósofo do mato. Prendia conversas até com tico-ticos. E logo meu filho teria que pegar desses genes alegres, sem produção. Dou razão às mulheres que o criticavam. O único consolo é que os filhos já crescidinhos, são de uma beleza e de convivência gostosa. Já viu adolescente feliz? Pois eles são. Não são o tipo Pito Perez.

— Quem é o tal de Pito?

— É personagem quase mítico de Santa Clara del Cobre, região mágica do estado de Michoacan, no México. O Pito vivia para dar alegrias ao povo, que se abalava até à frente da igreja para ouvi-lo do alto da torre. Narrava seu perfil multicolorido e mentiroso de trabalhador. O melhor da história de Pito residia na forma de narrar as peripécias das várias profissões exercidas. O povo aprendia a apreciar nele o jeito alegre dos trabalhos, principalmente os trabalhadores de forjas de cobre. Não muito diferente é o meu filho, o Ângelo.

— Não se aflija com o filho. Não fique triste, que esta história pode render, se não for finanças, que produza alegria para o mundo, o que contém muita importância pra acalmar a tristeza que ronda nossas casas. Estou vendo por aí ladrões de toda ordem. E a maior de todas que vi: em vez de a corte suprema julgar bandidos, devolveram aos ladrões do senado o julgamento das próprias perversidades. E eles se impõem, tendo autoridade sobre os próprios crimes. Pode? Não parece a extrema esquizofrenia?

— Continue, senhora Mônica.

— Para suportar, há que cantar! Dante aliviava os pecadores do inferno ao ouvir as histórias dos condenados. Alivemos as nossas narrando nossas preocupações. Prefiro a poesia em vez de cachaça ou drogas para aliviar tensões.

— Com certeza!

— A imensidão não cabia na casinha onde morávamos. Somente Ângelo percebia os pássaros em profusão. Via além da água como água. Assim com expressa o poeta argentino, Atahualpa Yupanqui:

*Pra aquele que olha sem ver,  
A terra é apenas terra  
Nada lhe diz a pampa  
Nem o arroio, nem o salgueiro.*

Um salgueiro nada dizia, senão ramos verdes feitos pra balançar. A inclinação reverente para o arroio não era percebida. Tampouco a doçura dos verdes estendidos contando peixes ou a conversa das correntezas murmurando. Nele havia o poder da ilusão. As condutas práticas não faziam parte de seu arsenal humano. Bem que avisei as gurias que se acercavam dele. Uma boa conversa faz encantar, mas o cotidiano apresenta notas fiscais. Nem a intensidade afetiva, nem a

efusiva sexualidade são suficientes para estabelecer uma relação confiável.

— Parece verdade, senhora Mônica, as mulheres, mais do que afeto, carecem de proteção e garantias.

— Sem dúvida. O que me admirava nelas é como a juventude se equivoca com facilidade. Hormônios e paixão não combinam com as exigências do cotidiano. O que costuma acontecer é o poder da magia se sobrepondo aos cuidados.

— Desculpe a indiscrição, como a senhora viu nele a manifestação de conduta sexual?

— Via nele um prazer intenso nas mamadas. Me olhava, diria, agradecido até acabar-se meu leite. Foi ano e meio. Ouvei certa feita, numa palestra, sobre a importância do seio no desenvolvimento sexual da criança. Se for verdade, então justificava a disputa em desfavor do pai dele. Esse piá me olha de um jeito rancoroso, reclamava o Evandro, meu marido. Quando fez, acho que uns nove anos, sonhou com um gato querendo comer o escrotinho dele. O gato era parecido com o pai, esclareceu. Expliquei, até: escuta, teu pai nunca seria capaz de uma coisa dessas. Ele teimou: ele queria comer meus ovinhos!

—E na adolescência?

—Nossa Senhora! Não sei nem como dizer.

—Como assim?

—Tenho até vergonha de dizer. Tive até medo de ele se avançar na Mercedes, morena bonita a nossa empregada. Era de se preocupar quando olhava para ela. Onze anos feitos e já daquele jeito. Fiz de tudo pra acalmar o guri. Até o meu marido entrou nessa preocupação. Melhorou à base de conselhos diurnos. Ficava pra valer com algumas gurias. Hoje andamos desse jeito. Casou cedo. Pelo que entendi de algumas conversas com Maria, ele continuava com outras mulheres. Ela não suportou a traição. Tem outras razões das quais não quero entrar



como, por exemplo, a sua irresponsabilidade. Não parava nos trabalhos. Criou diversas atividades aparentemente promissoras.

— Desculpe senhora Mônica. Devo atender outros clientes.

— Apreciaria muito ver meu filho conversar com o senhor.

— O prazer será meu. Posso atendê-lo pelo convênio com a prefeitura.

Enquanto esperava que me chamassem para falar com o doutor, punha meu pensar rumo às asas: se ando nas nuvens, não se esqueça de pôr os pés no chão. Para alguns o chão pode se constituir de divagações, para outros, de crua realidade e, para parte de políticos, de promessas duvidosas. Mas, por certo, o chão faz sofrer os mais ingênuos. Aqueles recalcitrantes em negócios públicos não entram em tamanhos sofrimentos. A habilidade labial supera a ética convencional. Prefiro minha forma de entender o mundo e, ainda, não sofrer muito diante dos problemas a se precipitarem sobre a cabeça de nossa gente. Estou mais que ao meio do caminho de minha vida. Sei da honestidade passageira da maioria dos políticos. Não sei se me sobrecarregassem os fardos públicos, se não andaria metido em tantas prevaricações. Não resistiria ao elogio fácil dos interessados em alcançar os benefícios do erário público? Ergueria minha cabeça gloriosa por tanto reconhecimento, perdendo a humildade? Não posso deixar de rir da acidez ética daquele ministro ao repartir um pouco para si dos benefícios de empréstimos consignados. De um real auferido de cada cliente pode haver algum mal?

Ainda, sou de estofo alegre, não consigo ver o mal sem uma possibilidade de articular o bem. É verdade, sou um Pito Perez sem muita qualificação. Invento meu existir, experimentando novas formas, que dizem improdutivas, de servir e auferir qualquer lucro. Meus filhos fugiram de minha referência. Riem pouco, suam muito. Me penalizo por vê-los nessa azáfama repetitiva. Verdade, eles não se tornarão ameaçados como eu. Mas amanhã é outro dia. Sou como as aves do céu e os lírios do campo. Me deixem voar na minha alegria gratuita e enfeitar os campos do Senhor, apesar de minha degeneração física.

Mais de hora para receber atenção do psiquiatra. Já não sei se lhe apetece minhas histórias idiotas, ditas por minha mãe, ou se acaso é honesto o desejo de me consertar. Não serei o consertador?

— O seguinte, anunciou a secretária Henriete.

— Ângelo Clemente Penteado, sou eu.

— Que bom que veio, Ângelo.

— Não me arredo de uma boa conversa, Dr. Boaventura.

— Nem eu.

— Tem protocolo pra começar?

— Não. Sua mãe, como sabe, solicitou que você tivesse uma conversa.

— Entro nos cinquenta e ela passando dos setenta. Coisa incrível a mãe. Vive querendo me consertar. Como não consegue, pediu pro senhor dar uma mão.

— Ela diz que tua alegria constante o torna irresponsável.

— É da minha natureza.

— Conhece a história do sapo e o escorpião?

— Aquela em que o escorpião pede carona ao sapo e o pica no meio do rio?

— E o mata, dizendo que matar é da natureza dele.

— Comparando com a minha natureza? Se assim pensa, o senhor se equivoca. Não sou exemplar para a espécie humana. Cumpri com esforço meus trabalhos. É verdade, não causei admiração a ninguém em minhas profissões. Em algumas delas até consegui um pé de meia. Vivo com pouco. Sou cristão. Vivo no reino dos céus onde os ricos não entram. A alegria excessiva e meu caráter pouco burocrático me fizeram um aventureiro.

— Essa forma pouco tradicional foi relevante para os seus vínculos familiares?

—Deixe-me ver. Começo por minha família de origem. Depois, entro em detalhes com as mulheres que hoje me dão a alegria de poder conversar com serenidade.

— Quer passar a limpo esse tempo?

— Vou tentar mostrar meus encantos. Não tenho razão de arrependimentos, porque não preciso limpar nada. Sou uma figura que envelhece sem culpa. Não matei ninguém.

— Foi perfeito em tudo?

— Dentro da natureza que Deus me deu, de minha minhas condições mentais, fui bem. Apenas não obedeci a todos os costumes; pra não correr o risco de me tornar medíocre, evitei a maioria deles.

— Quais, por exemplo?

— Renego a inclinação cultural de preferir o trabalho à vida. Um fator inibidor da felicidade é permanecer na escolha, seja profissional, seja afetiva, quando tudo depõe contra a opção. Jamais venderei a minha alma para as obrigações. Detesto o perverso costume da corrupção civil e política. Não concordo com o fato de a ostentação retirar a simplicidade. Sou como Jesus: retiro o boi do poço, mesmo contra as leis. Para alguns a severidade em nome do progresso retira a paz. O costume das crenças ou ideologias mata a alegria de espírito. Em última análise, quero sempre o bem estar entre as pessoas resolvendo-se os conflitos pela comunicação. Acho que é isso.

— Praticou isso com o seu pai e com a Maria?

— Com meu pai a comunicação custou um pouco mais. Ele compreendeu não ser possível fazer de mim um discípulo. O diálogo ocorreu no dia em que preferiu meu amor às orientações da vida dele.

Meu compromisso foi maior com os filhos. De recursos, sempre dei até o que me faltava. A Maria compreendia a minha forma de viver. Casou-se então com um homem de trabalho e proteção. Sempre que ia ao entardecer encontrava-o vindo da repartição na qual conferia os papéis, débitos e créditos de uma empresa de produtos químicos. Tirava

o casaco e vinha ter comigo antes de me haver com meus filhos e com a mãe deles. Sempre saí satisfeito. Rafael e Gabriel questionavam o meu jeito de ser. Mas não esperam muito mais do que sou. A Elise, eu a tive com Úrsula, não pode reclamar de mim. A Clara apreciava mais meu patrimônio do que a mim. Deixei-a por me trair.

— Mas quem você pensa que é?

Não sei, absolutamente. Sei apenas da minha maneira boa de ser. Não posso me queixar, não sou de lastimar. Sou um homem aberto, como sempre fui. Minha infância me deu algumas ferramentas pra me fazer. Inteligência suficiente para tomar conta de mim. Inspiração para a vida, que me chama de maneira soberana. O cotidiano proporciona o infinito. Nem sempre vivo intensamente, mas, não careço de ir muito longe para encontrar Deus. Espero cada dia como se me trouxesse novidades. Por exemplo, hoje, poder me perguntar quem sou já é um presente. Alegrei meus irmãos. Minha mãe ainda espera que me torne um homem sério.

No seu cotidiano, como foi até hoje?

Só pra ver: pela manhã, Maria telefonou pedindo pra sair com ela. O Péricles, o marido atual, sabe que vou sair com ela e não acha ruim. Sabe de minha honestidade. Fui sincero quando disse a ele: águas passadas. Maria é um luxo de mãe. Meus filhos comprovam o pensamento de Freud. Não posso dizer ter sido um pai de excelentes qualidades, mas, sempre via meus filhos disputando a mãe comigo. Portanto, não fui tão ruim assim. Quando entraram na adolescência fui um companheiro razoável. Estimulei a que tivessem liberdade para expressar a sexualidade. Em todos existem rudimentos de homo e heterossexualidade. O maior macho pode ter desejos nem sempre tão héteros. O próprio Freud afirmou haver nos homossexuais os tais de rudimentos héteros e que, na minha pobre opinião, não são tão rudimentares. Sempre fui de um olhar complacente. Penso assim: o maior criminoso poderia ter sido eu. Fui bom sujeito. Não cheguei à perfeição,

mas tangencieí. Não chego nem de perto à perfeição espiritual. Não sou nenhum asceta principiante. Vivo de alegria e compaixão. Para quase tudo sobra alegria e para o mal tenho algumas reservas de compaixão. Às vezes, libera-se uma centelha divina como em são Francisco. Apreciei e aprecio tal centelha, pena ser tão passageira. Ela é sempre cadente.

— Me agrada falar contigo. Infelizmente a hora se esgotou. No próximo encontro, fale de Maria

Para firmar posição sobre as questões levantadas pelo Dr. Boaventura, compus um relatório sério, acreditem se quiserem, no qual garatujei um testamento de uso particular. Construí um texto politicamente correto, embora não servisse de exemplo para a salvação da humanidade. Fiquei orgulhoso dele. Depois, fui ter com Maria. Ela era inteligente e, por vezes, ácida. Iniciei minha interlocução como se fosse o tal.

— Pra começar a conversa, Maria, me sirvo de uma referência interessante oferecida por Heráclito. Assim, ó: cada um mede o mundo pela posição que ocupa.

— Não conheço a referência desse autor.

— Heráclito aponta para um fenômeno simples. Se você se estender sobre a relva ao entardecer, o tamanho do sol perde pelo tamanho dos pés. Assim, por nossos preconceitos, podemos perder o valor dos negros ou de quem quer que seja ao ficarmos presos ao nosso limitado entendimento. Isso também pode ser olhado pelo ponto de vista aparentemente mais positivo.

Maria ficou devendo, mas não perdeu o quique da bola.

— Você poderia tornar tudo mais fácil e de maior responsabilidade se não ficasse filosofando tanto.

— Está bem, concordei.

Depois, fomos a um bar para falarmos sobre nossos filhos. Eles eram nosso sol na contemplação da hora. A conversa fugiu do tema, o que me pareceu um pouco estranho. Disse-me estar um tanto perturbada a ponto de preferir a minha ousadia afetiva à austeridade de Péricles. Por outro lado, parecia a ela ser Péricles mais confiável. Chegou a falar: O discurso dele é chato, mas verdadeiro.

Vendo minha admiração pelo rumo da conversa, saltou do galho.

— Pois, nosso Gabriel com 12 anos, certa feita ao afirmar-lhe sobre a maneira de um menino se comportar com garotas foi categórico: esta é a tua opinião. Me curvei à sua observação. Revi meus conceitos; aprendi, sim: podem ser ditas coisas muito diferentes sobre as mesmas coisas.

A tarde terminou sem falarmos sobre Gabriel ou Rafael, apenas, observei-lhe que, se de átomos pode-se ter diversas iniciativas, imagina então da sexualidade. Ela riu ao comentar: lembro bem de suas iniciativas. Calei mais uma vez sobre o rumo da conversa. Perguntei-lhe o que fazia no magistério. Respondeu-me haver alunos com dificuldades de aprendizagem.

— Alguns chegam cansados e distantes do objeto a ser aprendido. Tive um aluno deficiente e cansado a ponto de me dar a impressão de má vontade. Fui ver de perto, ele possuía um defeito no andar e, veja só, o trabalho dele dizia respeito a inspeção de obras. Imagine o pobre rapaz *mancoletando* o dia inteiro de edifício em edifício. Isso sim é que era um homem de responsabilidade.

— Com isso você me deixa constrangido. É verdade, não era um marido confiável. Veja, querida Maria, o seu Péricles dá segurança. Vejo a sua casa nova. Tornou-se segura. Vejo nossos filhos concluindo bons cursos. Por certo não é dos recursos do magistério. Reconheço a admirável maneira de você conduzir a casa. Se com meu pobre salário, e um tanto errático, você deixava tudo bem, imagino o quanto você faz com o Péricles.

— Pena de você ter sido sempre tão volúvel, retrucou.

— A forma dada pela natureza tem poder. Não adianta querer a natureza de um pato quando se nasce pra saracura. O máximo a ser feito é dar uma direção razoável. Não consigo permanência sobre o que quer que seja. Tudo que vejo tem um lado lírico ou divertido. Não sei se minha



alma foi feita de nuvens céleres, de pouca intensidade. Me alegrem histórias nas quais os heróis não sejam prudentes, tampouco temerários. Todos me tem como errático e ousado e assim sou. Quando aparece uma alternativa profissional fico me coçando pra imediatamente abraçá-la. Sou um traidor profissional.

— De fato, neste sentido não me arrependo de haver preferido o Péricles.

— Nossas escolhas são sempre imperfeitas. Nenhuma é capaz de nos preencher completamente. Só alguns santos chegam a tal perfeição.

— Já pensei nisso. Bem que apreciaria sentir um santo sussurrando divinas palavras em meus ouvidos.

— Não lhe agradaria mais um diabinho?

Parecendo mudar de saco pra mala, falou.

— Sabe, Ângelo, uma vez fui a uma degustação de alimentos. Perguntei ao chef entendido em carnes qual seria a mais saborosa. Respondeu: não existem termos comparativos. Toda a carne pode dar o melhor de si, depende do preparo. Você daria um bom chef, brincou comigo.

— O Péricles poderá aprender sobre condimentos. Ele vem cansado, mas não é manco.

Depois disso levei-a até sua casa. Esperei a porta se abrir. Vi Péricles rigorosamente paramentado para a noite. Ela tem razão, pensei, neste mundo capitalista as mulheres preferem proteção. Comecei a rir de minha solvência voluntária.

Fui dormir. Sonhei haver feito votos de obediência, castidade e pobreza. Eu e outros trapistas, cantávamos: *Gloria in excelsis Deo!* Nada se impunha mais do que o canto. Me percebia um velho santo, não fosse o rosto de Nossa Senhora que, sem tirar nem por, era a de minha querida Maria.



## UM ENCONTRO NÃO MARCADO

*É difícil suportar a vida, os perigos, dar sentido a coisas desconexas, tentar a todo o momento amarrar as pontas soltas da própria história. É como se tudo transcorresse sempre em preto e branco, como em um antigo filme expressionista alemão. Para dar um pouco de cor a este horizonte carregado e sinistro, temos o amor e o riso.*

Vinha com estes pensamentos de meu amigo Aleixo da Rosa quando vi as duas preciosidades, Úrsula e Clara, amigas de Maria. Saudações quase eróticas. Senti isso dentro de mim e nos olhos de quem me olhava.

— O que fazem a estas horas, pleno meio dia, duas mulheres loucas pra casar?

— Procurando um homem responsável. A estas horas os trabalhadores saem do trabalho. É a hora pra saber de alguém capaz de sustentar uma família.

— É isso mesmo, ratificou Clara.

— Também, não precisam acabar comigo. Sou gentil e amoroso. Sou devoto da vida.

— Bem por isso a Maria fez o que fez. E nós duas, antes de assumir seu desleixo, caímos fora. Mulher quer mais que aventura.

— Até hoje dei duro de profissão em profissão. Não me dou bem com atividades repetitivas. Juro, queridas, falo de coração: não sei como um ser humano carregado de invenções é capaz de ficar sessenta anos fazendo a mesma coisa. Prefiro perder minha fala, ou até meu falo, a ter que viver desse jeito.

— Falamos com Maria. Ela tem você como um esboço de trabalhador, brincou Úrsula.

— Que seja. Do alto de meus anos estou pensando em me arrancar num trabalho pra valer.

— Vamos pra casa, vai chover! Exclamou Úrsula.

— Ligeiro! Vem granizo! Debochou Clara.

— Me sinto envelhecer vivendo de minhas aventuras imaginárias e já vividas. Vamos tomar um refrigerante. Falemos enquanto vocês ficam de olho em algum herói trabalhador.

— Tá carente, Ângelo?

— Estou, *pero no mucho*. Deus provê minhas carências. Me deu vocês duas, agora. Prefiro isto a moer os dias vivendo por obrigação com quem quer que seja.

— Pois é, parece mesmo um milagre. Viemos pensando em encontrar um trabalhador e ele nos dá um boa vida!

— E o que acham que Deus pensa a meu respeito?

— Que tenhamos cuidado.

— Péssima interpretação, corriji. Ele quer dizer: façam a melhor escolha. Olhai os lírios do campo e os pássaros dos céus que não semeiam nem ceifam.

— Vai nessa! Se Jesus tivesse ficado trabalhando na oficina de José, acho que se sairia melhor, interpelou Úrsula.

— Aprendi nas lições da minha primeira comunhão: uma mulher chamada Marta se quebrava em trabalhos austeros. Reclamou de Jesus porque a irmã Maria apenas ouvia as palavras do mestre. O que disse Jesus: *Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa: se preocupe com que não se perde.*

— Não faz nada e é metido a dar lições, brincou Clara.

As duas se puseram a rir; Úrsula a ponto de gargalhar.

— Sou trabalhador também. Apenas não ponho o trabalho como coisa principal. Por acaso faltou pão na casa de Maria?

— Agora ela está melhor, depois que casou com Péricles, instou Clara.

— Melhor... Só porque ele se mata numa empresa. Perguntem como é que anda a alegria de Maria. É um homem de medidas certas.

— Medidas de proteção, seu Ângelo, acrescentou Úrsula.

— Os tempos são outros, as mulheres estão se havendo com recursos próprios.

— Isso é, entretanto, elas querem do homem o caçador e o guerreiro.

— Há controvérsias. Agora basta, vou pra casa que tenho umas flores pra cuidar.

— Agora virou jardineiro o nosso namorado, cutucou Clara.

— É isto mesmo.

— E donde tá tirando os cobres pra viver? Inquiriu Úrsula.

— Do último trabalho. Fui viajante pra substituir meu amigo Amir. Agora basta, e não empresto pra mulheres sem trabalho.

Rindo se afastaram de Ângelo. Havia ternura no olhar das duas.

Não passou seis horas, depois da conversa de Ângelo com as duas mulheres, quando Úrsula veio em direção de uma casinha branca e azul. Um homem cuidava do pequeno jardim. Um riozinho poluído corria junto dela alimentando, apesar de tudo, as raízes de um bambuzeiro. Sombras de pitangueiras e cerejeiras protegiam o pátio da reduzida habitação. Um vento agradável soprava as flores. Bulia também com a cortina rendada na janela. O som de uma cascata se fazia para ouvidos atentos. Úrsula foi vendo estas coisas e à medida da aproximação seu peito sentia sensação de alegria.

— Então, é aqui nesta casa de anões e duendes que você mora?

— De alguma bruxa também

— Desaforado. Vim tropeçando por estas ruas mal calçadas e me recebe assim?

— Ia dizer de alguma fada; apenas um pequeno ato falho.

— Me abrace, cavalheiro Ângelo.

— Minhas mãos estão sujas.

— Deixe que lhe abrace.

Ambos se estreitaram. Ela mais afoita buscou a boca do amigo. Um beijo suave ditou a que veio a visita.

— Que flores são estas, Ângelo?

— Amores imperfeitos porque alguns estão prejudicados por falta de água. Deixa-me lavar as mãos, enquanto você entra.

— Que coisa mais delicada, homem?

— Me dou bem com meu canto.

— É de sua estética esse interior?

— Fiz até um curso de *disainer*. Se você reparar, parece um ninho de pássaros, apenas uma casa de gente. Reuni galhos e ramos para acentuar a natureza. Os meus meninos Rafael e Gabriel adoram dormir aqui. Rafael, o arquiteto, aprecia demais me visitar.

— A Maria vem lhe ver?

— Da última vez veio me trazer uma muda de ipê roxo.

— Ficou tempo com você?

— Não, saiu por medo de ser agarrada. Capaz... Respeito o Péricles. Quando ela viu o meu ninho senti seus olhos brilharem.

— Trouxe uma cerveja bem maltada. Posso gelar?

— Não esqueceu o meu gosto.

— De maneira alguma.

— Posso apanhar os copos?

— A casa é sua.

Bebemos rapidamente. Havia uma *nervosia* no ar.

— Úrsula, posso buscar outra garrafa? Esta só deu pra sentir o sabor. O bar é aqui perto.

— Não carece, querido. Só vim pra lhe ver. Faz bem estender um pouco o que somos.

— Me sinto bem que me tenha como amigo.

— Acho que exagerei na conversa do meio dia. Não leve à sério... Não ando atrás de alguém que cuide de mim. É verdade... Sou professora. Recebo tão pouco e em notas medidas. Estou louca para sair dessa. Me queixo, mas dou conta de minha sobrevivência. Não encontrei ninguém a quem pudesse confiar os meus dias. Tenho sonhos de enricar. Quero matar o medo da pobreza. Ela assassinou meu pai. Tenho gana da pobreza, desejos fundos de andar melhor.

— Não precisa justificar seus atos.

— Não me convenço da vida sem proteção. Foi brincadeira. Estou envelhecendo para sair ao meio dia e buscar alguém que me interesse. Estou nos meu trinta e poucos...

— Não é fácil encontrar alguém pra dividir a vida. Entregá-la pra valer... Prefiro este meu jeito alegre e leve de ser. Prefiro a leveza aos costumes austeros. Meu único princípio é não me ferir, desejando o mesmo aos outros.

— Casa comigo, Ângelo!

— Vou falar com meu psiquiatra.

— Você não é capaz de tomar a decisão?

— Quero ver com os seus olhos. A verdade não está dentro da gente está entre as pessoas. Uma boa prosa pode revelar a verdade. Ela é sempre fortuita, mesmo assim, espero encontrar.

— Você não é um louco psiquiátrico!

— O amor e a paixão podem enlouquecer.

Nada mais houve naquele final da tarde.



**ÂNGELO PENTEADO**

## **ENCONTRA INSPIRAÇÃO**

Depois de experimentar a cerveja das mãos de Úrsula, fui até uma capela para relembrar antigas devoções. Ao erguer uma pequena bíblia jogada ao chão, abri-a e deu no que deu: Dos Macabeus. Consegui ler o primeiro livro.

A dissolução do reino de Judá e de Israel transformou-se pouco mais do que meretrizes abusadas. Só pra ver... Depois do orgulho de Salomão e das prevaricações, deixou a nação dividida. Todas as nações poderosas, Síria, Roma e os gregos, pelos anos 168 antes de Cristo, faziam o que queriam da terra e das leis de Moisés. Matatias, fiel escudeiro do Senhor, não suportou a profanação e as ordens de um dos descendentes de Alexandre, o Grande, o rei sírio Antíoco, que dominava toda a região. Matatias, resolveu não aceitar as proibições referentes às práticas religiosas. Formou um exército em nome de Deus. Cansado de resistir veio a falecer, sendo substituído pelo filho Judas, o Macabeu. Este ainda mais violento e mais esperto que o pai, formou um exército de guerrilhas. Matou quem se opusesse às forças de Israel. Cansado de matar, avançou a ponto de retomar o templo, então profanado por altares infieis e rituais estranhos. Consagrou novamente o templo de acordo com os costumes judaicos; realizaram uma grande festa denominada a Dedicção, festa de Chanucá.

Diante de tantas mortes para a conquista e inauguração do templo, fiquei perturbado. Mais que tudo me animava a ideia compulsiva dos judeus em torno das escrituras e das leis. Depois, me recolhi solitário na casinha junto ao rio poluído, com águas profanadas por restos imundos. Dormi mal durante a noite. Pela manhã reuni pedras com a intenção de aerar as poucas águas do riacho. Assim fiz, sentindo-me o



próprio Judas Macabeu celebrando a reconquista do templo, ao renovar com pedras novas o altar do Senhor.

Condoí-me mais ainda pela mãe judia, nos dias de Judas, o Macabeu, por preferir que matassem seus sete filhos ao rejeitar comer carne de porco. Pode isso? Como pode um povo chegar a conclusões tão esdrúxulas pensando agradecer a Deus, ou a quem seja lá que for. O fato é: eu andava diferente, algo me dizia haver um tempo para mudanças. Fui ter com Maria por saber da sua histórica competência em avaliar situações críticas. Fora exímia na educação dos filhos. Só pra ver que os dois afivelaram os pés precocemente. Ela os prendeu com preceitos razoáveis sem precisar usar da força. Andavam por diversas cidades até fixarem residência, quase adolescentes. Firmaram amor com duas garotas de boas conversas e de boas ações. Nada mais que pudesse tirar o sono de Maria. Péricles, o austero, chegava a dizer: como de um pai tão irresponsável saíram dois homens bons? Maria, então, me revelou a resposta: ele sempre esteve com eles, mesmo longe de casa. Se alguém soube falar com os meus piás, esse foi o Ângelo. Não me venha com ciúmes, doutor Péricles! Me senti um Macabeus, mesmo sabendo não ser tudo isso.

Agora quem precisava de orientação, errante em montanhas como o velho Macabeus, pai de Judas, era o extraviado do seu ex-marido.

Com Maria, entrei logo no assunto:

— Estou perturbado, não sei se por causa de uma cerveja ou em razão de uma leitura sobre judeus chamados os Macabeus.

— Falei com a Úrsula.

— Ela falou o quê?

— Dos momentos intensos; que não ficou noite adentro, porque foi mandada embora com delicadeza.

- Falei para ela esperar sobre a intenção de assumir qualquer compromisso. Sou um homem assustado, Maria. Já não me alegro tanto ao tratar de conviver num relacionamento estável.

— Chegaram a tanto?

— Foi. Ontem, depois de ela ir embora, entrei até na igreja perto de casa. Por mais sangrento que fosse o texto lido, me convenci de estar abusando do meu templo. Devo inaugurá-lo novamente. Ainda que não sangrenta a minha luta, pode se constituir numa conquista. Não quero assassiná-la como a santa de quem ela carrega o nome. Úrsula, a santa, percorreu países e tempestades para casar. Ao chegar em Colônia, o noivo morrera na luta contra Átila que, então, a quis por esposa. Ela falou já ser esposa de Cristo. Átila então a matou com uma seta. Este é meu temor. Não tenho nada a ver com a fé de nossa Úrsula, entretanto, temo sufocá-la com meu jeito festivo e desajeitado. Ela é de família circunspecta e cheia de costumes duros. Casar é trazer para minha casa a sogra. Se há instituição de gestos repetitivos, esta é o casamento. Penso como meu amigo Pedro Du Bois:

*Invejo pessoas em permanência.*

*Anos passados em mesmos passos.*

*Anos decorridos em mesmas mesas*

*Anos atravessados em iguais amores.*

*Anos cansados.*

Ele fala mais ou menos deste jeito. Isso eu não suportaria. Já me decepcionei uma vez. Pela segunda seria pior. Envelhecer decepcionado é muito ruim.

— Vejo vocês dois muito diferentes. Ela já não procura as lojas como sendo o melhor lugar para passear. Sinais do envelhecimento ou de maturidade, como queira. O meu temor nesta história é o gosto alegre virar indiferença.

— É, vou mais uma vez me assentar em meu caráter, afinal nada é para sempre. Depois poderei fazer como faço com você. Venho lhe ver e falamos mais alegremente e com maior intensidade do que quando estávamos casados.

— Comprovo, com desejo de repetir doses de afeto dantes nunca navegado.

— Valores mais alto se alevantam.

— Medo do Péricles?

— Respeito; assim ajudo a cumprir a sua promessa.

— Se promessa serve para apontar direções tudo bem, mas, quando a direção inicial não faz mais sentido?

— Se fazem necessárias outras. Não carece voltar atrás. A vida possui infinitude.

— Fui professora de literatura, Também me admira muito Ulisses. Uma vez perdido no mar, tinha a deusa Atena por conselheira... eu apenas pensamentos cheios de dúvidas.

— Pois, você fala essas coisas para o meu consolo. Talvez, Úrsula se estreite em meu peito em intensidade duradoura, deixando-me satisfeito, e eu retribua com momentos de indiferença ou com funda devoção a ponto de renunciar a toda tentação. Desse jeito, estamos os dois no mesmo barco: cheios de ambivalências

— É hora de Péricles chegar!

— Poderá pensar mal da nossa conversa.  
— Ele está indiferente. Repete tudo como lições decoradas.  
— Vou falar com ele.  
— Fale, por favor. Terei você como a um santo, se ele se converter num homem de fogueiras.  
— Não exagere.  
Saí consolado. Ficar a esmo por aí parecia pouco para mim. Afinal, dividir conversas é melhor que dividir solidão. Vamos ver no que vai dar.

Vi as dores de Maria por ter Péricles tão distante. De fato, é mais fácil um camelo ajoelhado entrar pela porta baixa de uma cidade que um rico entrar no reino dos céus.

Sabia disso, mas, cadê competência e coragem para ajudá-la. Preferia suavidades a situações amargas e severas. Só pra ter uma ideia: certa feita faleceu um amigo, a esposa me telefonou para assumir rapidamente as ações necessárias para o velório. Não perdi a oportunidade: por que tanta pressa, Aline? Ele não vai morrer de novo. Não seja inconveniente, respondeu. Sempre o amei! Os parentes começam a chegar. Respondi: Aline a velocidade é inimiga da perfeição. Temos tempo para deixar o falecido em ótimas condições. Providenciei até uma fatiota nova. Ele era perfeccionista, você sabe disso.

Não sei por que estou escrevendo isso. Sei: mais uma vez mostro meu caráter débil diante de situações críticas. Sou, mas quem não é? Saudades do Chico. Pera aí. Amanhã vou falar com ele. Não, vou hoje mesmo. Passei um *watsapp* pra Maria, rogando que não estivesse em casa na hora de o marido chegar. Me possuía um espírito brincalhão. Por vezes, me convertia em três estados: um infernal, quando um diabo cínico surgia, um harmonioso pra lembrar uma bondosa divindade e um apenas módico, raro, semelhante às almas que purgam, mas, cheias de esperança. O da hora me assombrava pela irreverência em reunir sentimentos sinceros de amizade a outras coisas mais.

Preparei-me com uma cachaça de primeira. Sabia do gosto qualificado de Péricles. Eventualmente fazia uma pescaria, não se sabendo se fazia para beber uns tragos ou para pescar. Anualmente repetia o ritual pra depois voltar a ser o irrepreensível burocrata empresarial. Uma cachacinha amolece corações. Passei a tarde

divagando sobre a intervenção a realizar. Promoveria tal iniciativa em favor dela? Poderiam vir mulheres mais excitantes, mais ardilosas, que nenhuma superaria os meus encantos por Maria. Fez de meus filhos homens credenciados a viver em colaboração com a humanidade. Se Rafael e Gabriel se aproximam dos seres imaginários, cuidadores da fragilidade humana, afirmo: meus meninos foram feitos pelas Mãos de Maria. Que me desculpe Jesus, mas esta Maria de quem falo criou figuras divinas de apenas seres humanos. Me perdoe Cervantes, os heróis por ele criados, sejam Sancho ou Quixote, não tem a graça dos meus meninos. Falo sério. Nasceram por obra do Espírito Santo, possuídos de ideias inatas, revisores de termos pobres. Por isto, Maria não merecia ser olhada com indiferença. Preparei minhas tripas para ser coração na hora de falar com o austero e empedernido Péricles. Faria dele de um companheiro duro, um doce senhor, nem que fosse a pau. Fui à rua por onde Péricles trilhava.

Me dirigi até chegar à sua casa. Hora certa, avancei dando-lhe voz de prisão, assustou-se além de minha intenção. Saltou feito cabrito preso numa cerca. Quase quebrei a garrafa de canha. Comecei a rir desbragadamente.

— Que coisa! Parece um piá.

— Isso mesmo, Péricles. E veja essa água. Vai descer alegre no gogó.

— Vi no mercado. Achei muito cara.

— É nada, Trouxe pra começar o fim de semana, doutor Péricles.

— Vim pensando em tomar pra valer.

— Ué, quer esquecer o quê?

— Não sei se comemorar ou me despedir.

— Não entendi.

— O balanço da empresa não apresenta números positivos. Estou me sentindo na rua, doutor Ângelo.

— Conhece a história da vaquinha japonesa, doutor Peco.

— Não

— Uma família vivia a custas do leite de uma vaca. Foram consultar um mestre conselheiro, que foi até a casa e acabou jogando a vaquinha num precipício; foi aquele desespero.

— Que mestre faz isso?

— Mestre japonês.

— Meses se passaram e foi aquele reboiço na casa japonesa.

— Morreram de fome?

— Foram atrás de alternativas, os japas se saíram melhor.

— Isso no Japão, um país sério e cheio de ocasiões. Tem mais... No meu caso, cadê respeito aos velhos trabalhadores?

— Se a vaca é morta, não adianta choro nem vela.

Ao entrarmos na casa de Péricles e Maria sacamos uns copinhos e degustamos a cachaça.

— Falei do sonho que começara a alimentar depois das lutas dos Macabeus. Novamente apelei para as dificuldades deles diante das ameaças dos inimigos gregos, persas e romanos. Ainda assim reconquistaram o templo. Acenderam as velas de um grande candelabro. Reencontraram o óleo perdido. Por oito dias viram a luz brilhando no templo. Eles fazem festa até hoje.

— Lutaram aqueles judeus. Mas que sonho você é capaz de sustentar, que todo mundo sabe que seu caráter vacila.

— É verdade, sorte sua você ter uma mulher de fibra.

— Acho que nem aqui em casa sou o marido desejado. Desconfio de ela andar ciscada comigo. Por esses dias mostrou-se cansada. Ela deu a entender que não dou mais no couro, coisa que ficou de lado por causa do meu cansaço. Venho moído do trabalho faz anos.

— Não foi isto que comentou comigo. Ela reconhece a proteção que você oferece. Mulher tem disso: Querem segurança. Separou-se de mim por não lhe oferecer segurança.

— Você acha?

— Foi ela quem falou. E quem sabe se a sua vaquinha do trabalho morrer não será tempo para apreciar a ternura que ela lhe dá.

— Tá meio escassa.

— E a sua parte, home véio?

— Vamos ver no que tudo vai dar.

— Se a empresa lhe largar tenho uma proposta.

— Mas o que de bom pode vir de um senhor sem decisão.

Desculpe a minha franqueza. Acho que é a bebida que me deixa sem educação.

— Fiz por merecer. Nunca fui perseverante. Mas os Macabeus e a Úrsula estão me tirando da minha zona de conforto.

A estas alturas entra Maria, mostrando-se enlevada.

— Meus dois homens. O que foi e o que é!

— O que é, é que conta, afiancei!

— Nem tanto, muié! Riu-se influenciado pelo espírito da cana.

Estão querendo matar a minha vaquinha. Ria-se o valente Péricles.

Recontei a história da vaquinha japonesa.

— Mas se perder a vaquinha tem os queijos guardados do fundo de garantia. Saberá o que fazer com eles.

— Acho que é isso. Devo saber o que fazer. Posso dar uma de judeu. Se o menino Davi ... Acho que é esse o nome do piá... aquele que acertou a cabeça de um cara fortão. Vou mostrar... que meu nome não é em vão.

— É isto meu bem! Exclamou Maria.

— Tô meio grogue, desculpa, Maria.

— Prefiro ver você assim.

— Se matarem a minha vaquinha vou virar um touro.

— Volto outro dia, Peco.

Me abraçou meio tonto, eu de maneira igual.



— Qual a pro...proposta se sair da empre...empresa?

Maria não sabia se ria ou chorava. Péricles pedia ternura. Pela primeira vez soltou o ar empedernido do rosto por uma brisa solta a transcender simpatia.



## LIDANDO COM A SOGRA

Passou-se um ano, entre vindas e idas do meu amor por Úrsula. Manhã de sol e eu tranquilo em meu pequeno recinto, tentando tomar coragem. Pra minha surpresa apareceu minha quase sogra pedindo satisfações. Helga, alemoa de fala áspera.

— Tesculpe, Âncelo. Tua tificuldade é o trapaio. Isso chá não importa. Si falta tinhero eu achudo um pouquinho. Fica com Úrsula, por favor. Tiz que vai caçá e não caça. Pode facê isso?

— Posso não, dona Helga. Não sentei pra valer neste amor por falta de recurso. Diz pra ela aguardar um pouquinho mais. Casar sem *tinhero* põe tudo a perder. E isto de a senhora garantir não sei o que, é feio por demais. Homem que é homem não vive de sogra. Estou quase ofendido.

— Peço tesculpa! Me tói ver a Úrsula esperando temais.

— Disso não posso me queixar. Aprendi, dona Helga, a ter cuidado pra não enganar ninguém. Casei com a Maria que, por eu não dar conta de sustentar Rafael e Gabriel, preferiu Pérciles. Não lhe tirei a razão. Agora, não me comprometo com a Úrsula para não incorrer no mesmo erro. As armadilhas do amor são muitas, quando não bem tratado. Semelhante à história de Hefesto, o aleijado ferreiro, casado com a deusa Afrodite.

— Mi acrada uma poa história. Coisa de loco um ferrero com uma teusa.

— Não é que outro deus, chamado Ares, prendeu-se de paixão pela deusa do ferreiro Hefesto, a Afrodite. O ferreiro sabia muito sobre a arte de lidar com ferros. Um amigo de Hefesto o avisou: Tome cuidado que o deus Ares está de olho em tua deusa. Então, Hefesto armou uma rede pra cair sobre a cama, caso houvesse movimentos ligeiros. Veio

Ares, o deus de pernas ágeis, e cercou Afrodite para fazer amor. Assim foi. Caiu a rede sobre os dois prendendo-os de maneira definitiva. O deus Hélio, que via tudo, avisou Hefesto, que foi ligeiro para ver o acontecido, chamando a todos os deuses. Todos riram segurando as divinas barrigas. Por fim, veio Posídon, conhecedor das tormentas. Pediu para Hefesto soltar Ares e Afrodite. Negociaram por grande volume de moedas a libertação dos dois.

— Entendi quasse nada tessa história, seu Ânchelo.

— Querida Helga, o pobre ferreiro, aleijado e pobre, não tinha como competir com um deus de pernas ligeiras. Faço o mesmo para não cair em qualquer armadilha. Penso numa maneira de garantir não só o amor, mas, a segurança também. Assim foi: dei amor para Maria, mas Péricles me ganhou provendo melhor a casa e o guarda-roupa.

— Minha filha não é uma tesses.

— Assim falava Afrodite antes de casar com Hefesto, o ferreiro pobre. E se vier um filho? Vejo como são as mulheres. Muitas virtudes vão águas abaixo. E entrevejo o desejo de ela ser mãe. Como sustentar a mãe e o filho?

— Tá pem, mas apura um poco. É vertade, a minha Úrsula tem medo de ficá mais pobre que chá tá.

—Agradeço a compreensão, dona Helga. Quando tiver um filho com Úrsula vou garantir a cama, o parto, o leite e a mãe não precisará pedir por comida ou roupa.

Querida da minha Úrsula! Não exigi de mim, foi chorar com a mãe. Valeu, minha preciosidade. Cada dia sinto mais a sua falta. Não me encorajo, os últimos recursos findam.

Recebi com certa perplexidade o aviso da Unidade de Saúde: *Dr. Boaventura avisa Ângelo Penteado para continuidade do tratamento.* Estranhei: estaria ele carente de mim?

Me sentia bem ao me aproximar da realização de um sonho. Estava o próprio Noé depois do dilúvio: ele louco para fazer vinho, eu louco pra levar a efeito uma cervejaria. Meu espírito ocupado em encontrar os meios para a minha criação, apesar de sentir receio de haver qualquer regressão da minha euforia neurótica, diagnosticada fazia tempo pela psiquiatria. Minha alma andava inquieta por um período depois da separação de Maria. Me achava um galo e saí um frango depenado. A euforia teve um baque e minha mãe temia por uma depressão. Rezava pra não perder minha alegria compulsiva. Debitei a solicitação de minha presença na Unidade de Saúde em razões de amizade e não de qualquer doença. Afinal, poderia dividir a preocupação de meu estado de amor emergente e de minha iniciativa empresarial. Afinal, os psiquiatras também aprendem.

Não carecia urgência de atenção, mas como água, sopa de galinha e uma boa conversa só fazem bem, fui ouvir o doutor.

Mal chegara à Unidade, a enfermeira me fez entrar na pequena sala.

— Então, senhor Ângelo, esqueceu de mim?

— O seu apelo me trouxe aqui. Ando perfeito nas minhas faculdades mentais e afetivas.

— Aí que mora o perigo. Confiança demais nos torna incautos. Sabe, Ângelo, os maiores acidentes de carro ocorrem quando nos sentimos em casa.

— Justo agora, em razão de meus cuidados, acho difícil acontecer algum perigo.

— Cuidados em relação a quê?

— Estou pensando em me tornar um empresário.

— O que pretende empresariar?

— Uma cervejaria.

— Cerveja?

— Coisa pequena. Desta vez vou caprichar. Espero levar a sério minha alegria de viver.

— Viu as possibilidades de mercado?

— Estou vendo com um amigo do ramo. Sinto meu envelhecimento diminuir a perturbação diante dos estímulos. Antes de morrer vou mostrar meu poder.

— E os resultados dos últimos exames?

— Meus hormônios libidinosos diminuíram. Não mais careço de segurar o touro pelos chifres.

— Acha isso positivo?

— Antes minha compulsão afetiva me levava a um distúrbio de relacionamento. Parecia mais um cavalo selvagem. Meu envelhecimento parece precoce. Agora convivo comigo de maneira mais controlada. Até estou pensando em casar.

— Casamento?

— A Úrsula, de quem já falei, quer um relacionamento pra além das curtas ligações. Não pretendemos apenas uma conexão que se desfaça como um chamado fugaz. Estou aprendendo a ir além de mim. É muito pouco olhar a vida como se me olhasse no

espelho. Cansei. Minha ternura precisa mais. Quero ter companhia pra dividir nem que seja uma cervejaria.

— E ela o que pensa?

— Está louca pra estar comigo. Quero primeiro transcender a minha maneira limitada de existir. A cervejaria é também um teste.

— Apreciaria muito lhe acompanhar, não somente como psiquiatra, mas como amigo. Tenho aprendido com suas virtudes.

— Agradeço o quanto me ajudou.



## **PÉRICLES É DISPENSADO**

Ao visitar Péricles senti o drama no rosto do homem. A fala confirmou:

— Hoje os trabalhadores não conseguem muito além da lei dos escravos. Para ganhar a liberdade promulgaram a lei dos sexagenários. Velhos e sem forças recebiam como prêmio para a libertação, mais três anos de trabalho. Hoje apenas são dispensados. Lá se vão as últimas forças.

— Conforme o previsto, me mandaram embora. Quem ainda vai querer os préstimos de um velho. Agora, dispensam quando a velhice vem chegando. Ai do velho sem seguro complementar. Tudo igual ou pior que a lei da liberdade áurea.

— Velho foi meu avô que morreu com 100 anos feitos e ainda trabalhava. Morreu de espinhaço partido ao carregar um feixe de cana para pasto. To pensando nele pra ver se retiro de meu DNA este jeito trabalhador. Estou pensando numa empresa. Vou te dar trabalho.

— Fala sério!?

— Creia em mim e será salvo. Foi escravo e eu te libertarei.

— Não deboche de mim e de Deus. Dá para crer em quem fugia dos trabalhos? Agora, falando sério, qual a idéia? Se não me agradar, me faça rir. O que pretende me oferecer?

— Uma cervejaria.

— Não creio. Só pode estar bêbado.

— Se um velho pastor espanhol, Tata Vasco, tirava água das pedras porque não tiramos cerveja de água boa?

— Você ainda não oferece confiança. Até agora transitou de lugar em lugar mais que índio xiru.

— Tô noutra. Não serei tão apaixonado pelo trabalho, como um casal da escritora Marina Colassanti; pra ver: o casal fez amor numa paixão louca. No final, ele andou com uma tibia dela e ela com uma dele. Pior pra ela. Via tudo com os olhos dele, com catarata. E não vou deixar ninguém vendo mal.

— Mas você me conhece. Não sou míope. Por melhor que seja a ideia, todo cuidado é pouco.

— Nem vamos sonhar tanto. Quando menino contava ovelhas pra dormir. Sempre havia um lobo pra comer uma delas. Espero que não me venha algum lobo pra acabar com o meu sonho.

— Quase estou pra crer. Mas fale qual a ideia que vai nessa cabeça pouco confiável.

— Já ouviu falar em microempresas de cervejas?

— Já. Elas se multiplicam pelo Rio Grande. É uma iniciativa que não perfaz meu perfil burocrático, mas se for para fugir do tédio de aposentado, tudo vale a pena. Sendo assim, assim será. Sou de pegar pra valer. Mas, me diga, quando iniciou com esta ideia?

—Tenho um amigo, o Fábio. Só pra ver a coragem e o prazer dele realizar o seu sonho. Ele também vivia de trabalho burocrático, de boa expressão. Resolveu tirar o peso de muita responsabilidade. E, por incrível que pareça, trabalhava com produtos bioquímicos de um hospital. Deixou no auge a carreira de farmacêutico hospitalar.

— Conta. Dizem que imitar é também uma arte.

— Ele tem uma cervejaria com um sócio. Faz 550 litros por mês, o que dá pra ocupar tempo. Trabalha também com *freelancer* na cervejaria Hillneck. Na planta dessa empresa maior ele faz a cerveja.

— Caro sonhador. E teremos capacidade pra fazer o mesmo?

— Confio em ti mais do que em mim mesmo.

— Por que esta confiança?

— Você já não trabalhava numa empresa de produtos bioquímicos? Veja só, o Fábio começou a cansar da estafante atividade.



Queria mais do que ser apenas um empregado. Foi convidado a um encontro com amigos, fabricantes de cerveja caseira. Foi o ponto de partida. Desistiu da profissão que já o cansava. Só pra ver a diferença entre você e ele. Pediu demissão pra fazer um curso. Foi chamado e prometeram melhorar o salário. A cerveja, porém, começou a chamá-lo. Queria um produto que não apenas seguisse uma receita. Decidiu compreender o mundo da fermentação alcoólica. Aí havia um chamado.

— Qual é a minha nessa história?

— Você, como ele, é capaz de estudar, avaliar com seriedade o melhor caminho. Muito diferente de mim.

— Está querendo fugir?

— Vou assumir as vendas do produto já pronto. Tudo mano a mano.

— Se assim é, vou me preparar, mas com um pé atrás. Vamos investir pouco, que é para não parecer como você quando menino. Contava ovelhas para dormir em paz. E o lobo espreitando.

— Pior ainda, o lobo comeu as ovelhas e amanheceu ao pé da cama. Pela graça da natureza, andaremos cheios de graça e de grana diante de Deus e dos homens.



## **PÉRICLES E ÂNGELO, CERVEJEIROS**

Os dois amigos, que o seguro morreu de velho, sem aviso prévio, foram ter com Fábio.

Saudações à parte, começaram as lições de cerveja com o mestre Fábio.

— Vimos aqui buscar algumas lições, Fábio. Era o Péricles, ansioso.

— Me admira muito dois quase velhos pedirem opinião.

— Seminovos, instou Ângelo.

— Me admira buscarem uma cerveja e uma vida cigana; o que pretendem?

— Fabricar cerveja. Já lemos muito, incluindo o livro *La Russe* sobre cervejas, afiançou Péricles. Estamos prontos pra luta.

— O Ângelo é sócio?

— Sou! Mesmo que não muito confiável.

— Um aviso aos marinheiros de primeira viagem: não fiquem imaginando castelos. Pois bem, comecem como eu, se encostando numa cervejaria de planta. Busquem lá o melhor aprendizado. Que tipo de cerveja pretendem fabricar?

— Escolhemos o nome antes de nascer: Prima é o nome, Prima da Cervage que é a sua. Prometemos ser bons alunos. Pagaremos por aula. Sabemos que sua mãe é professora; o filho dela saberá do ofício. Era o Ângelo.

— Primeira lição, então. O trabalho exige despojamento. É quase uma vocação religiosa. A natureza da cerveja pede devoção. Ela se revela em exercícios diários. Cada componente tem seu segredo. O malte, o lúpulo, a levedura e as especiarias são exigentes. Não aceitam desaforos. Assim também os procedimentos como a malteação, a

mosturação, a brassagem, o esfriamento e a envasagem. Cada momento exige a delicadeza de uma mulher. Vocês que são mais velhos sabem: mulher irritada é como cobra no calcanhar. No caso da cerveja, além de se irritar quando não se obedecem as regras, ela morde o bolso.

— Fazer cerveja é como lidar com elas? É como um casamento? Questão posta por Péricles.

— Pior. Vejam, tendo em cada componente o seu jeito e a sua personalidade, somando cada etapa, a relação se torna complexa.

— Nossa! Ângelo suspirou.

— Tem mais, na brincadeira: cada cervejeiro é um cafetão.

— Pera aí! Isso não faz o meu gênero! Reclamou Péricles.

— Entendi. Se a cerveja é uma mulher difícil ainda há o dever do cervejeiro: vender a mulher por um preço razoável. Desculpem a comparação.

— E fazer do comprador um homem fiel. Assim ambos se respeitam, amando-se por muito tempo. E como a homoafetividade anda às soltas, até estimulada, as mulheres e os homens poderão se unir de amores bebendo a cerveja artesanal de maneira mais livre, riu Fábio.

— Pelo efeito das palavras e para agradecer ao professor, riram os dois discípulos.

— Já perguntamos aos proprietários da Hillneck, que, em princípio, ofereceram a planta. Ofereceram em termos... Pagaremos. O mesmo faremos com o professor, se aceitar, avançou Péricles.

— Aceito sem cobrar tostão sequer. Iremos além da cerveja tradicional branquinha, suave e gelada. Seremos a realidade de tantas combinações quantas quisermos. Vocês poderão se servir da Hillneck, planta já existente e estarei apoiando quando entenderem avançar para a independência e fazerem todos os processos.

— Por que você não se tornou independente, questionou Ângelo?

— Aí não teria tanta liberdade. Seria um empresário mais carregado de compromissos. Saí do hospital para dominar o meu tempo, por que agora me imporia maior pressão?

— Somos de outro tempo; depois de termos o domínio de uma cervejaria cigana, iremos adiante.

—Então, desde já, boa viagem. Mas, por favor, façam um estágio comigo e alguns cursos. Minha mãe sempre diz não haver convênio especial com o Espírito Santo, que Deus fala por mãos habilidosas e ela sempre tem razão.

Sáimos sem muita convicção para com o nosso empreendimento.



Saímos inseguros da casa de Fábio, porém, convencidos a traçar um começo pra nós. Depois de longa e animada conversa, assumi com seriedade o caminho que se desenhava. Não podia trair a expectativa do Péricles. Se houve qualquer preocupação sobre a sua vontade, desapareceu em uma semana, Tinha alma de Titã e a força de Cíclope. Me sentia de caráter duvidoso, mas alegre. Ao vê-lo tão cheio de decisão me armei de sopro forte. Eu, desconfiado pelo meu histórico, me sentia como a ovelha das histórias de lobos de Marina Colassanti: ela vestiu-se de lobo, mostrando poder. Participava da matilha correndo pelos campos. A falsa ovelha fazia de tudo, apresentando esforços além da própria natureza. Os lobos admiravam a resistência da pobre criatura travestida. A fome bateu e a coragem tornou-se diminuta ao ver o sangue de irmãs sendo devoradas. Se fosse comer a grama, desconfiariam. Descobriu, porém, os meios pelos quais morriam as vítimas. Afastou-se, desculpando-se pelo cansaço; voltou para o redil e, reconhecida a sua coragem, semeou respeito em razão do conhecimento adquirido sobre os ardis dos inimigos.

Temia não conseguir tanto quanto a ovelha de Colassanti. Ao narrar as pretensões à Úrsula, ouviu outros temores. O Péricles, entendido em negócios, seria confiável? Não se entregaria à bebida? E a habilidade para compor uma cerveja de bom gosto? E a venda do produto?

Tendo em preocupação tais questões, ouviu de Péricles:

— São justos os temores, sentenciou o companheiro. De negócios entendo eu. Quando estudante fui campeão de química, em disputa municipal. Sou exímio contador. Sou do princípio: onde se come o

pão não se come a carne; mudando o que deve ser mudado e não se bebe da bebida que nos dá o pão.

Tornei-me mais confiante. Vestiria em mim as vestes de lobo. Não ficaria à mercê de qualquer ameaça. Semelhante aos cavaleiros da idade média, fui até um capitel de Nossa Senhora na estrada da infância e jurei votos de fidelidade ao companheiro e a mim mesmo, prometendo levar uma flor do campo para a mãe de Deus se a cerveja fosse boa, se vendesse bem, se não fosse beber com os amigos até perder a noção do tempo e espaço. Que ela não me decepcionasse. Você, senhora minha, mãe incrível, que foi pedir vinho bom pros convivas em Caná, inspira o Péricles à encontrar uma fórmula em Mato Castelhana, tão apreciada quanto foi o vinho criado por seu filho. Que nossa cerveja seja desejada quanto foi Judite por Holofernes, amém.

Em tempo: dê um sinal sobre o caminho a seguir.

Esperei algum sinal, por pequeno que fosse, nada. Entendi, se não respondeu é porque a questão não está clara.

Mais uma vez fui ter com Péricles, o fortão. Quiçá tenha ele a inspiração de Atena, aquela deusa grega a guiar o timão de Ulisses. Aquilo sim é que era proteção. Não havia peixe ou vagalhão que o devorasse. Veja só o quanto minha senhora falou pela boca do meu companheiro.

— Sonhei que você se perdia em noite escura. Vi uma luz dizendo, acalme este cagão.

— Nossa, se isto é expressão!

— Foi isto que ouvi. Por consolo uma mulher desconhecida pediu para animá-lo.

— Foi Ela, pensei.

— Meu cara – expressão jamais ouvida do sisudo Péricles. Pra te consolar, deixa pra mim a parte burocrática e operacional de nossa iniciativa. Contigo fica a parte das vendas. O investimento inicial ficará por minha conta.

Só pode ser milagre de Nossa Senhora! Era o sinal. Minha Nossa Senhora tonteou o homem.

— Sei que você anda pelado, restando alguns lucros do tempo em que substituiu um vendedor. Investiguei e conferi o seu poder de vendas. Me asseguraram ser capaz de vender terreno em banhado.

— Sem modéstia, a única virtude é meu poder de persuasão. Mas, pensemos melhor: vender o quê, se nem ao menos você fez um curso sobre cervejas artesanais.

— É verdade, conversemos mais uma vez com o Fábio.

— Ué, não deram férias ao professor?

— As lições não se concluíram, disse Péricles.

— E não vão se esgotar. As artesanais são infinitas. Pois bem, meus velhos discípulos, as cervejas artesanais dão conta também da amizade. Cristo teria mais sorte se, em vez de vinho cor de sangue, oferecesse o colorido das artesanais aos sacerdotes judeus. Por certo, não o levariam à morte e os romanos não levariam trezentos anos para acreditar na comunicação.

— Qual o melhor caminho para fazer o nosso trabalho?

— Mais do que trabalho, lazer.

— Queremos fazer dela a nossa profissão, disse Péricles.

— Comecei como ocupação no tempo livre. Só depois pensei em transformar em profissão. Comecei a estudar o mercado das artesanais. Quanto mais conhecia, mais interessado me tornei. Comecei a vender a produção caseira para avaliar a demanda. Então, deixei de ser farmacêutico hospitalar para realizar o curso de Tecnólogo Cervejeiro. Deixei o reconhecimento e o respeito profissional, para ser cervejeiro ou bioquímico cervejeiro. Sem conhecimento não há segurança.

— Essa parte deixo pro Péricles. Por profissão já é da área da bioquímica, é pesquisador. Serei o vendedor.

— A melhor parte, então, pertence ao Péricles.

— Feliz dele, minha arte é entregar um bom produto, apreciar as opiniões pra rever conceitos sobre o que faremos.

— Os acertos estão feitos. Aconselho o Péricles a aprofundar os conhecimentos aplicados à cerveja. Vocês têm tudo pra acertar no propósito, mas, se pretendem ter uma cervejaria, o furo é mais embaixo. Eu não tenho uma cervejaria. Tenho uma cervejaria cigana, assim



chamada a cervejaria artesanal que terceiriza a produção ou, em outras palavras, utiliza a planta de uma cervejaria para fazer a sua bebida. Imagino, então, o esforço para que vocês cheguem a ter independência. No meu caso, ainda ajudo a planta no processo de brassagem ou mosturação. Outros técnicos acompanham na fermentação e no acréscimo da levedura. Dizemos: o cervejeiro faz o mosto, levedura faz a cerveja. Muito mais se tem a fazer na escolha de especiarias e nos cuidados de cada etapa. Já falamos que lidar com cerveja é como lidar com várias mulheres complicadas. Precisa autoridade para mediar cada uma delas a conviverem em paz, resultando no amor ao cervejeiro.

Se é complicado fazer o que faço, sem ser dono da cervejaria, imaginem o caminho de dois seminovos a se enfiarem solitos nessa estrada.

— Vamos ainda fazer fortuna, respondeu Péricles.

Fiquei na minha, esperando o momento de entrar em ação. Ainda bem darmos início como *ciganos*. Temia pelo dinheiro de Péricles. A intenção dele era tornar-se autônomo: ser um cervejeiro completo. Minha *plata* era pouca pra pensar numa planta. Em todo o caso, venderia a cigana ou a americana poderosa. Seria, porém, sempre a Prima de Cervage. Prima seria o nome, pobre ou poderosa. Assim seria chamada pelo povo. Já pensou?

Ao sairmos, fui me pronunciando contente:

— Veja a mãe a dele, dona Ana. Conheço essa senhora pelos serviços junto aos mais velhos. Tiro o exemplo na atitude de criar uma oficina de solidariedade. Roupas e outras carências são objeto de paixão para essas velhas senhoras. E o que disse ela para o filho Fábio: vai atrás de seu sonho se é cansativo o trabalho no hospital. Seu pai foi um ser de liberdades. Mulher forte que, falecido o marido, levou nos tentos a educação dos filhos. No meio de um mundo difícil cresce gente assim. Não dá para perder a alegria, ainda que tenhamos dificuldades em nosso destino. Dar boa forma ao destino desconhecido não é pra qualquer um.

— Você saiu da casa da mãe do Fábio feito um santo.

— É certo. Teremos brutas feras para matar. Mataremos um leão todas as manhãs. Pra mim, porém, essa é uma razão secundária.

— Que mais ouviu que não tenha ouvido?

— Muito e muito me agradou. Gravei perfeitamente quando acentuou: na nossa cigana fazemos de tudo, lavamos barris, limpamos o banheiro, faço a contabilidade, controle do caixa e pagamentos. Às sextas abro a garagem da casa como um “antibar” para receber os amigos. Cada um traz seu pedaço de carne, serve sua cerveja, anotando a quantidade consumida para posterior acerto.

— Isso ouvi. Não dei bola.

— Ao contrário achei muito importante. Já pensou fazer o que ele faz naquele seu pátio? Uma cobertura leve não faria nada mal frente à churrasqueira. Vamos ativá-la. É um crime contra o lazer ver aquela boca inútil e fria.

— Mal acredito no que ouço.

— Vá ouvindo. Imagina quanta cerveja. E quando a Prima for divulgada? Sou o vendedor. Não perco nada das lições do nosso mestre. Tem em Marau uns gringos tomando uma cerveja tradicional. Falei de nossa iniciativa. Pediram pra receber nossa cigana assim que a produzirmos.

— Vai dizer que aprendeu também sobre andar de skate como Fábio.

— Não perderei minhas caminhadas, minhas leituras e meus escritos. Os mestres foram feitos para serem admirados e imitados. Tampouco deixaremos de vender nosso produto em bares da região. Era meu ser possuído pelo desejo de vestir-se de um ser menos lábil. Seria apenas um boneco alegre tentando viver como homem?

Ao me cercar das árvores, do murmuro riacho, do canto solitário dos tico-ticos nas despedidas do sol, me dei conta onde andava me enfiando. Avaliei melhor a contradição abissal entre as perspectivas novas e os propósitos de aparência alvissareira. Teria estofo pra enfrentar o repuxo do rio a me seduzir? Daria tempo para não fazer nada, escrever um mísero verso, descobrir desenhos frouxos das nuvens? Dei pra lembrar os riachos de minha infância? Memória velha, muito verde d elinha Divisa. Dei pra refletir das feições das águas enquanto as árvores protegiam as margens oferecendo fontes para os peixes. Agora, o mapa de terras quase todas nuas. Avalio a morte lenta da rede de arroios. Mais de dez minguados fios sentindo o fim. Sem dificuldade, lastimo a exuberância solidária, antes de 1912, dos verdes e do sereno prestando abrigos aos peixes: ao Krunzel esguio, aos jundiás amarelos e pretos, aos carás, aos prateados lambaris e às sardelas, hoje reduzidos em águas distantes. Saudades eternas, na semelhança com o cemitério comunitário dos colonos lenhadores. Ouço ainda os gritos de glória em cada árvore tombada. Sei lá a razão de ter tais pensamentos quando iniciava uma aventura cervejeira. Percorria a memória infantil e levei um susto com a Úrsula invadindo a sala:

— Que faz meu homem, se expondo de porta aberta? Até parece não morar entre dois bairros cheios de ladrões.

— As santas me protegem. Nossa Senhora, minha mãe e agora você a me cuidar.

— Mas o que causava tamanha distração?

— Não sei se lembranças do passado ou as questões da nossa cerveja.

— Ao menos agora você terá com o que se ocupar. Me diga, sinceramente, você acha que não vão dar com os burros n'água?

— Não vamos nos atirar como porco em gabirova. Vamos começar com pouco, seguindo o exemplo do Fábio.

— Sei não, vi o barbudo andando de skate na praça da gare.

— Ele tem uma filosofia igual à minha. Usa o tempo com cuidado. Não perde a qualidade de vida. Não é um capitalista faminto.

— Confio mais no Péricles, ele é mais centrado.

— Obrigado pela força.

— Desculpe, você terá que confirmar com atos a mudança de vida.

— Assim farei para não lhe perder. Não farei o que fiz com a Maria.

— Você sabe que a mulher ama a segurança. O homem pra ser amado sempre será aquele dos velhos tempos: um caçador. Como teremos nossa casa firme se apenas tenho um salário de vinte horas? E, pra matar a boa vontade de qualquer professora, o pouco vem parcelado. Nem recebemos ainda o décimo terceiro. Veja, não exijo muito de você, que já anda nos cinquenta, eu, ao menos, quero ter um filho. E tenho pressa que meus óvulos se terminam.

— Está bem. Sei bem, por mais feministas que se tornam as mulheres, o ventre pede um filho. Tem um ditado válido, ainda: as coisas perdidas reclamam pelo seu senhor. Os óvulos reclamam pela vida.

— É bem isso, querido. Sei de você pela Maria. Foi sempre um pai amável, embora de fortuna quase sempre falecida.

— Nada faltou. Agora, quase velho garanto uma coisa: vou ser um pai como São José. Só espero não precisar de serviços alheios para engravidá-la.

— Imagine só! Como São José... Pobre e Deus pra ajudar na gravidez de Maria. Terei um filho quando não carecer de contar nos dedos os recursos para a casa. Pode crer, vou traçar o amor com

medidas de mais valia. Sou capitalista e semelhante a um protestante, amo a vida pela visibilidade do nosso poder.

— Já chega; não me pressione.

— Ao deitar saberei do seu sucesso. Ao amanhecer saberei das cervejas a serem vendidas. E quanto àquela ideia de fazer um restaurante disfarçado na casa da Maria, deixa pra mim, falarei com ela. E por que não aqui na sua casa pequena de pátio enorme? Sempre tive uma inclinação turca. Não perderei nenhum talento. Veja bem querido... Esta casinha está mais para um profeta que para um negociante. Tá parecendo a casinha do Kurosawa, acho que em Rapsódia em Agosto. Quando nascer o nosso filho não saberei onde colocá-lo dormir. Bem que me deu uma idéia... Este pátio grande poderá servir de lucro.

— Assim, você me tira do sério. Poderei fazer fortuna, mas, não perderei os encantos da minha casa. Ela representa o que existe de melhor em mim.

— Veremos... Veremos.

Senti estar perdendo a minha casinha. Fui mais uma vez ter com Boaventura.



## QUARTA CONVERSA

— Bem que fez em vir sem convocação.

— Nada demais. Estou empenhado com a responsabilidade de ser cervejeiro. É um bom início. A qualidade da cerveja cabe ao Péricles, meu sócio. Não sei se já me referi a ele. É um bioquímico muito disciplinado. Nada fora de lugar. Garrafas perfeitas, Recipientes sempre brilhando, banheiros limpos, contabilidade perfeita. Conseguiu em pouco tempo tornar-se um cervejeiro admirado até pelo meu amigo Fábio.

— Fala por despeito ou admiração?

— Pura admiração. Se fosse um monge não conseguiria me centrar como ele. Admirável, doutor Boaventura, é vê-lo estudar. Como é possível um senhor já nos sessenta se dedicar tanto. Foi demitido de uma empresa de produtos químicos, mas revitalizou-se. Maria, a mulher dele, minha primeira, a que me deixou em razão de minha labilidade profissional, me disse agora haver outro na sua casa. Disso me orgulho. A mudança radical deve-se, em parte, à minha iniciativa. Mas acho que a Maria tem sido a principal fonte de apoio.

— Ouço você falar muito da Maria. Tem saudades dela?

— Tenho e muita. Só em lembrá-la tenha desejos de abraçá-la e outras coisinhas mais. Mas não é por sentimento... É de gratidão. E ponha gratidão. Ela conseguiu, apesar de tudo, fazer nossos filhos terem grande admiração por mim. Vejo ternura nos olhos deles quando vêm me ver. Espero ver em Úrsula a mesma mãe.

— Está receoso de manter um relacionamento mais definitivo?

— Pode ser. Ela me irrita ao exigir rapidez nos resultados de nossa Prima, a cerveja.

— Por que Prima?

— Não sei ao certo. Desconfio ser pelo apelo erótico. Brincamos, dizendo ser a Prima da cerveja Cervage do meu amigo Fábio.

— Você diz de uma insatisfação em relação à Úrsula. Se agora lhe cansa...

— Pois é... Ela pega no meu pé por ser apenas um vendedor, e o Péricles o doutor na arte das artesanais.

— Sente-se ferido pela comparação?

— Não, ela teme haver diferenças no prestígio e na divisão dos recursos.

— O que lhe faz mal?

— Não, mas pode sentir-se menos protegida em relação aos recursos.

— Os sentimentos dela lhe afetam?

— Muito! Temo estar alterando a minha identidade.

— Isso lhe agrada?

— Me sinto atraído por ela. Temo, porém, fugir da minha natureza.

— Fica dividido entre o amor e o jeito dela ser. Teme perder a alegria em troca da exagerada necessidade de proteção a ser dada? Tem alguma razão a mais para o temor?

— Tive um sonho muito expressivo.

— Por favor, na próxima sessão busque trazê-lo em detalhes.

*Time is over.*

— Pode deixar.

Péricles revelou-se uma inteligência cheia de mosto. Um talento confirmou-se em Fábio, nos encontros das sextas. Parece ter nascido para o ofício. É isto, reafirmei, a arte exige um meio para se revelar. Em alguns é a palavra, em outros a voz ou as cores, outros mais com outras formas de arte e ofícios. Em Péricles é o processo da Prima. O discípulo superando o mestre, pontifiquei, olhando para Fábio, que confirmou com a cabeça.

— Não canso de agradecer ao meu mestre, elogiou Péricles.

— Fui apenas o mediador do seu gênio nas misturas artesanais. Ainda bem que o afastaram da empresa. Bem como diz minha mãe: existem talentos que morrem e outros se revelam tardios.

— Me faz lembrar a lenda do mestre japonês ao ser solicitado para resolver o problema de uma família vivendo graças a uma vaquinha. O mestre só fez afastar a zona de desconforto na qual viviam. Pois é, não há quem não possua uma vaquinha a ser jogada no precipício.

— Péricles tornou-se uma vaca lutadora.

— Como assim, mestre?

— É uma história dos livros de Saramago. Havia uma vaca ameaçada por lobos, loucos para devorar o filhote. Lutou bravamente, perdendo a calma materna. Todos reconheceram o poder da vaca. Virou vaca lutadora.

— Assim o meu amigo, depois do afastamento, encontrou seu melhor perfil. Mataram a vaquinha de Péricles e ele fez da vaca morta outra opção.

— Não posso esquecer a coragem e o seu convite, Ângelo.

— Vamos parar de frescura. Se continuarmos assim, poderemos chegar sabe-se onde.



— Isso mesmo, uma vez a afetividade entre homens era pecado, depois passou a ser aceitável. Do jeito que os costumes andam, a homossexualidade será obrigatória. Tudo parece se desmanchar. Meu touro ninguém matará. *Pero*, respeito o gado dos outros. Cada um alegra a vida do jeito que for levando ou julgar melhor.

— De fato, os costumes se alteram. Exemplo é a cerveja. Fazemos dela infinitas opções, refletiu Péricles.

— Respeito de coração a homossexualidade dos outros, como respeito a frutificação das cervejas artesanais. Cada um fica livre com seus talentos.

— Não vejo assim. Sou pela tradição. Se fosse coisa certa, Deus teria criado uma terceira opção desde o paraíso.

— Nossa, Péricles. Pode parar por aí. Assim vamos passar da razão para realidades imaginárias. Não vamos retroceder ao pensamento fantasioso.

— A conversa está sob o efeito da cerveja. Falemos do nosso sucesso artesanal.

A conversa tornou-se gentil e alegre. Brinquei sobre os últimos acontecimentos no Brasil. O poder de nossas cervejas está melhor que os três poderes, incluindo o Supremo. É a dança da improvisação.

A noite tornou-se mais intensa com a vinda dos amigos frequentadores do pátio do Fábio. A comunicação no grupo mostrou-se o melhor remédio para o travamento de nós três. Soltaram-se as vozes. Na saída, veio um amigo meu:

— Prefiro a Prima.

— É do gosto. A Cervage é mais elaborada. Você tomou chope; por isso.

Moral da história: quem não entende, melhor é calar. Lembrei dum sapateiro grego ao avaliar um quadro numa exposição de pinturas. Enquanto criticava as sandálias do modelo, o autor calava. Ao subir para

outras partes, ouviu: sapateiro, não suba além das sandálias. Uma lição guardada em mim: permaneço filósofo ao calar a minha ignorância.

Após a conversa animada com os novos amigos, senti orgulho da minha decisão em trazê-lo de volta para a vida. Expresso o autoelogio em razão dos elogios de Maria sobre as atitudes afetivas do marido. Maior orgulho, pelo visto, tem aquele que se retrata na alegria solidária.

— Vamos pra casa, instou Péricles. Amanhã vou testar uma nova especiaria.

— E eu vou ter uma conversa séria com a Úrsula.

— Caso de quê?

— Tá me apressando nas vendas.

— Ouviu elogios em torno da Prima, por isso acha que é tempo de buscar novos clientes.

— Tu também, Péricles? Não concordo com o pensamento burguês de devoração.

— É o mundo capitalista.

— Me nego a perder a qualidade de vida.

— Ouvi de gente de duas outras cidades o interesse em ter o nosso produto.

— E daí, Péricles?

— Buenas, Ângelo, não lhe obrigo a nada, mas, ouça os interessados na Prima.

Nem bem chegara à casa, Úrsula me esperava na porta. Dera um tempo sem reclamar. Mas as conversas revelavam insatisfação... E o nosso filho? Tô nos meus últimos óvulos.

Mostrava alegria nas palavras seguintes:

— Recebi whatsapp de uma conhecida de Nova Prata. Ela tem uma casa e o marido pretende conhecer a nossa Prima. Ele é distribuidor de bebidas. Não é pouca coisa. Ele espera a gente amanhã. Pede umas cervejas pra ver o sabor e o valor. Vamos?

— Você não tem aulas?

- Tenho, mas deixa pra lá.
- Tenho meu psiquiatra.
- Nunca te vi melhor. Por que psiquiatra?
- Deixa pra lá. Pra saber se meu tamanho cabe em ti. Ou se suas exigências podem ser atendidas.
- Apenas peço pra ouvir a minha amiga.
- Mande um whats pra ela. Poderei ir depois de amanhã.
- Prefere o psiquiatra?
- Querida, é compromisso.
- Tô lhe estranhando, mas, tudo bem.

— Já era tempo.

— Pois é doutor, meu tempo anda curto. Tenho uma cervejaria. Sou um capitalista agora. E o pior... Feliz no entretenimento.

— Parabéns. Mas, da última vez ficamos de avaliar um sonho. Lembra?

— Deixe-me ver... Coisas de minha infância. A mata e as águas do meu lugar, a Divisa de minha infância morrendo, é isso. Os peixes desaparecendo... Aves sumindo. As roças cobrindo coxilhas e vales... Cores verdes sazonais... O cinza do inverno. A intensidade dos cantos silenciados. Foi isso. O som grave dos tucanos avaliando a profundidade das nuvens negras. Os riозinhos da infância, falecidos. Esse sonho produzia sufoco em mim. Acordei sem ar. Nada mais doutor.

— Hoje o sonho não diz nada pra você?

— Apenas uma saudade distante, quase vazia.

— O seu corpo sente hoje a mesma ameaça. Não lhe parece?

— Será apenas um aviso? A mata virgem vivia em paz até se acabar pelo esforço dos colonos. Viveram ao preço da natureza morta.

— Pode acontecer contigo algo semelhante aos animais, presentindo a catástrofe. Também nós temos uma alma antiga pouco respeitada. A lógica da racionalidade tornou-se a nossa guia. O universo da globalização fala mais alto, perdendo-se a inteligência do inconsciente.

— Sei não. Me sinto sereno conduzindo as vendas da Prima. Vou me cuidar para não matar a natureza alegre dentro de mim.

— Boa atitude. É bom temer. Os romanos se precaviam dos cães em Pompeia. Havia um aviso: *Cave cane*, cuidado com o cão. Mas o Vesúvio não perguntou pelos cães. A natureza, por vezes é mais forte, superando os cuidados.

— Não sei se minha alma antiga falou, me alertando em sonho ao apontar para a natureza morta em minha infância. Temo mais o amor de Úrsula.

— Que eu saiba o amor não destrói.

— Doutor, o meu amor é intenso e não quero fracassar como fracassei com Maria.

— Se este é o propósito por que o temor?

— Ela é ávida pelo meu sucesso. E posso ser como Adão, que foi envolvido por Eva, perdendo o Paraíso.

— É apenas uma história imaginária.

— A Bíblia possui outro aviso, acho que nos provérbios. Se tiveres uma mulher que pega no teu pé, fugi para o deserto. Estou nessa, mas não tenho deserto para onde fugir.

— Então há duas preocupações, Úrsula, querendo mais e mais, e o dinheiro, sabe-se, é cruel. Do outro lado, um sonho antigo, querendo preservar a natureza.

— Mais precisamente, a minha.

— Lidar com o amor é uma arte, Ângelo. Um diabo velho merece respeito. É bom lembrar o pecado de Davi ao trair o amigo Urias; devorou maldosamente a mulher do soldado fiel. Foi acusado por Natã pelo pecado da traição, afirmando: ninguém está acima dos outros. Nem você, Penteado. O sonho parece dizer: vê se não seca os rios, não silencia os pássaros e não resseca a mata.

— Estarei de olho em mim, doutor. Antes que eu peque me veio Natã em forma de psiquiatra. Bom, acho que minha hora se esgotou.

— Certo. Na próxima entrevista, apreciaria saber da sua cerveja.

— Com muito gosto.



## **OS RONGOS DO VESÚVIO**

Veio com seu jeito de cobranças. Me arrepiei.

— Então, meu Anjo, vamos pra Nova Prata?

— Está bem, vamos. Fomos.

O celular toca.

— É de quem?... Carazinho... Hoje não dá... Pode ser.

— Quem era, bem?

— O vendedor de Carazinho.

— E agora?

— O Péricles; pede pra atender Serafina Correa.

— A Prima tá rendendo. Admiro seu jeito de vender. Quanto talento perdido ouvindo os bambus e os pássaros. Me sinto orgulhosa.

— Quem faz é o Péricles.

— Em tempo de crise de pouco adianta o produto se não houver o feitiço do vendedor.

A estrada horrível exigia que eu fosse um Garrincha.

— Estamos passando por Nova Bassano, onde conheci um gringo muito amável. Entramos para saudá-lo.

O rosto da mulher trazia um hematoma. Uma bofetada no meu rosto, dada por meu pai, quando pequeno, doeu menos comparada à dor do hematoma no rosto de Inês. A suavidade alegre das outras vezes descera morro abaixo. Da casa, escutava-se os roncões dos caminhões carregando pedras que resfolegavam desesperados. Conversamos entre dentes, mal saíam as palavras. Brinquei sobre o rosto ferido: deve olhar por onde anda, Inês! Foi tarde, quando vi aconteceu, respondeu enigmática. Havia uma lágrima discreta. Seria a violência do senhor Ferri? Perdi o prazer da viagem.

Para Úrsula havia um só pensamento.

Entre o ronco do carro e o drible nas crateras, refletia sobre o rosto de Inês. Saberei da verdade, telefonarei ao irmão dela e tirarei a limpo aquele hematoma.

— Quem sabe os gringos daqui poderão apreciar a nossa Prima.

— Pois é, a bebida nem sempre faz bem. Por favor, Úrsula, pegue a direção do carro.

Esperava, como costumava acontecer, divagar em minha paz cotidiana. Pretendia retomar o vigor das árvores, resistentes entre as fendas nos morros. Imagens diversas povoavam a mente: no alto do morro à minha direita imaginei o diabo tentando Jesus. Ouvi do diabo: Se me adorares, darei tudo isso. Acha, então, que vou lhe agradar por me oferecer esta montanha? Pode tirar o boizinho da chuva. Tenho mais o que fazer. Sei da riqueza das parreiras das encostas, mas minha missão é outra, ouviu bem!

— Nossa viagem promete, interrompeu-me ela.

— O que leva a esta impressão?

— Intuição, apenas intuição. Minha mãe dizia: a Ursinha tem faro fino.

— Quem sabe você assume as vendas.

— Não é pra tanto. Você é a pessoa certa. O rei é Saul.

— O bom era Davi. O povo exclamava: Saul matou mil. Davi dez mil.

— Tudo é possível e você, querida, pode esconder Davi.

— Mas, Saul tinha medo do matador do grande soldado inimigo.

— Se acaso assumir meu trono, serei seu fiel súdito.

— Nem sei a razão desta conversa, querido.

— Eu também tenho um talento. Tenho grande sensibilidade pelo jeito dos outros. Tenho facilidade nas vendas porque sou sincero. Tenho memória boa e reconheço quem me ouve. Tenho carinho pela voz do cliente ou de quem pretendo que seja. Estou atento a tudo que lhe diz respeito. O vínculo passa a fazer parte dos meus bens. Não esqueço o

nome. Antes da cerveja estimo o comprador e a sua história. Faço da Prima apenas o meio pra me comunicar. Sinto neles o que mais importa: a dignidade. Vejo em você, Ursinha, também este poder. E, muito mais do que eu, você persegue o sucesso com persistência. Mas, não dá para esquecer: o lucro é sempre secundário.

— Talvez em Nova Prata tenha um aprendizado melhor. Não me contenta andar apenas em torno da Prima. Sou nômade, mas é tempo de assentar a minha tenda. Deixe prá lá... Esta conversa não faz a sua cabeça. Então, quem é essa amiga, Ursinha?

— Velha conhecida da faculdade.

— Trouxe as três Primas?

— As embalei com arranjo e tudo mais.

— Embora não conhecendo o marido, Odair, falei com ele. Ofereci algumas cervejas como degustação para ele e alguns amigos, incluindo o vigário.

Chegamos. Mais do que um comprador, percebi vigor no abraço. Vi e ouvi o quanto Úrsula era esperada pela amiga Viviane.

Durante o almoço, o assunto voltou-se para questões de família. Fui invadido por intensa sensação de alegria pela relação que se fazia. A história de Viviane e Odair sabia às aventuras da cavalaria medieval. Geraram uma rede de relações e mercadorias em distribuição regional. Nos tornamos quase confidentes. Por fim, Odair sentiu-se constrangido e disse: *ma, Dio, só eu e a Vivi parlemo*. Então, em rápidas palavras, Úrsula expôs a nossa breve ligação, dizendo que ainda não tivemos tempo de fazer uma história tão bonita quanto a deles. Viviane estava curiosa sobre a Prima. Senti nela a gerência da empresa, dita dos Ferronato.

Ao fim da tarde chegaram alguns senhores e senhoras da cidade e das colônias fortes do município. Padre Leopoldo Scalabrin veio festivo, como se distribísse felicidade especial a cada participante. Velhos tempos, pensei.



Havia alguns salgadinhos, que corriam por minha conta. Mais contava a alegria do encontro que o meu propósito de degustação da Prima. Comecei a me sentir como se tomado pelo dom da transcendência: uma graça. Pedi, antes de falar, a bênção sobre os alimentos e a Prima. Depois, falei sobre o processo e as virtudes da cerveja artesanal. Conteí a nossa história: Péricles conseguiu extrair, na composição das matérias primas, chope e duas espécies da Prima, a clara e a morena. Aclarei bem a diferença entre a cerveja tradicional e a artesanal. Foram servidos distintamente os três sabores. Os três tons da cevada foram sentidas com prazer. A morena, porém, não caiu tão bem quando a mais suave, a clara. Me servi da comparação entre um vinho fino e o vinho colonial, sem longa preparação. Me convenci, no final do encontro, do quanto o prazer foi resultado da qualidade do conhecimento e da arte de experimentar o produto. Entenderam a razão de a cerveja artesanal ter preço distinto das cervejas ditas brancas. Recebi apoio valoroso, na palavra do vigário. É uma cerveja para alegrar a alma e não para encher a cara, brinquei. Assim, concluímos o encontro, não sem antes ouvir o maior elogio do padre. A Prima é mais uma opção em nossa alegria. Ninguém vai diminuir o valor das pipas nos porões das casas di italiani.

Dona Vivi nos convidou que ficássemos com eles para dormirmos. Não dá para sair nessas estradas mal sinalizadas. A Ursinha e você beberam, não podem dirigir.

— Vamos apreciar um pouco a nossa amizade e pela prosa diminuiremos o álcool no sangue. Agradecemos a oferta da casa. Sei do perigo da estrada.

Comemos uma polenta saborosa e um molho de codorna. Me impressionava cada vez mais o acerto das palavras de Úrsula. Não forçou a compra; habilidosa no elogio em torno do sucesso comercial da família Ferronato. Demonstrou o quanto estaria contente se pudesse

acompanhar mais de perto o sucesso da Prima. Vi o quanto o exemplo arrasta. Aprendeu ligeiro com a Vivi.

A noite foi uma festa animada. Primeiro, combinamos as entregas da Prima e as quantias iniciais. Valores acertados, não sem antes aceitar a sugestão do Vigário que chegara. Um pequeno percentual para uma ONG beneficente da paróquia. Senti uma inspiração, divina, na ideia do padre Scalabrin: os mais velhos estão sobrando; estamos fazendo o bem para eles. Poderia fazer parte de um projeto de vida. Voltamos contentes pela manhã.



## EM BUSCA DE IDENTIDADE

Nem bem havíamos tomado o asfalto, senti a tensão latejando no seu corpo.

— Gostou do passeio?

— Demais. Mil ideias desceram sobre mim. Tenho uma certeza, minha Santa Úrsula esteve comigo. Me inspirava. Se ela atravessou o mar para encontrar o amado, acabando por morrer, muito diferente vai ser com meu homem.

— *No la comprendo, mujer!*

— Entenderá; continua de pé a promessa de você me incluir no seu sonho da branca e da morena? Quero muito ter a Viviane como exemplo.

— Entendi.

— Muito bem, você viu como ela estava junto do Odair?

— Pra mim a governadora era ela.

— Não quero tanto. Quero também me articular no negócio das artesanais. Lembra, certa feita você me falou de organizar um espaço na casa da Maria, semelhante ao do Fábio?

— Lembro, ainda não deu certo. Ela está confusa em razão da privacidade.

— Quero a sua casa melhorada. Farei dela o recinto da Prima. Quero, quero muito. Minhas colegas da escola se entusiasmariam com a oportunidade de encontros, com os maridos. Um espaço alemão de cerveja e comidas típicas. Minha mãe se disporia em me introduzir nos hábitos da minha casa de origem. Dona Helga retornaria aos tempos de nossa casa. Um lugar alemão no Brasil.

— Que lugar seria?

— No pátio grande da nossa casinha. A natureza conspiraria a nosso favor. Você não diz nada?

—Deixo tudo com você; apoio.

— Sinto um anjo baixado sobre mim. Me sinto dona de uma boiada. Se até agora a sorte não sorriu, ela sorrirá. Se até agora as cercas impediam, não vão mais impedir. Estou bem melhor que a vaquinha alimentando os japoneses. Uma porteira se abre pra mim.

— Estou feliz em abrir.

— Isto é demais. Amo-lhe por me fazer semelhante à vaca lutadora.

— Sabe, querida, você me lembra uma mulher que, ao amanhecer não se via no espelho. Verificou se o problema seria do espelho. Ele, fiel como sempre, feito para refletir, não podia trair. Desconfiou: o problema está em mim, murmurou. Vivia sem propósito. Ao encontrar novamente um sentido para si o espelho retornou a sua imagem.

— Isto também me faz falta: melhorar a minha imagem. Em certas manhãs chego a não me reconhecer.

— É pra tanto o seu desamor?

— Querido, a união estável não resolve a identidade. Pode melhorar, como está parecendo agora.

— Chegamos. A partir de amanhã agiremos, que os pensamentos não dão conta das nossas virtudes.



## **UM EVENTO TRISTE E OUTROS MAIS**

Se a morte tem agilidade para nos retirar de circulação, a vida pode conter arroubos infinitos. Para quem morrer é natural, pode se constituir em solidariedade. Afinal, se é inevitável que se tenha o gesto benigno de partir sem estertores, melhor é seguir a história da morte como fazem as aves e as folhas que caem; pra sorte humana, existem remédios paliativos. Faz bem a bondade na despedida pra deixar lembranças saudáveis. *Tonces*, o melhor a fazer é se retirar com alegria. Pratiquei o exercício de andar bem nos últimos dez anos, sendo gentil como atestam os acontecimentos. Uma ideia porém me atingiu ao pensar na morte: a querida Inês e o hematoma no rosto. O que seria aquilo? Uma grande amizade carrega funduras. Telefonei para o irmão dela, Alcides. Coincidência ou não, pediu se não poderia acompanhá-lo até Bassano. Fomos. No caminho, vejam só, disse: sabe, Ângelo, o Ferri bate nela desde o início do casamento. Ela suportou até agora. Não abriu a boca até hoje por respeito aos filhos.

Ainda na estrada, Alcides avisou da nossa chegada. Combinamos um restaurante. Encurtando a história: ela havia tomado a iniciativa de levar o fato à delegacia de polícia. Alcides estava muito abatido por saber das violências sistemáticas.

— Como conseguiu ocultar, Inês?

— Só pra ver o que é manter a família, respondeu. Sempre desculpava meus hematomas. Ele me judiava quando ficávamos a sós. Muitas noites caladas.

— Ele não teria uma amante?

— Acho que não. Por que a pergunta?

— Assim ele dividiria a violência, brinquei. Rimos os três.

— Agora ele parou. Tem medo de ser preso.

O mano Alcides abraçou-a com ternura. Eu, quase às lágrimas.

— Tenho certeza que estes hematomas serão os últimos.

— *Così sia*, Que assim seja! Respondeu, rindo com ar de tristeza.

Passado um ano o Ferri veio a falecer, tendo os cuidados de Inês.

Depois da visita à casa da Inês, Úrsula havia iniciado, com Maria, as atividades nos espaços da cervejaria Prima. Negócio de importância, vale uma narrativa de sabor. Maria aceitou a proposta erguendo, com o apoio de Péricles, um templo semelhante ao que fizera Úrsula. Pra mim, um dissabor: perdi minha casa pequena. Entretanto, Úrsula erguera um espaço de encantar a quem apreciava a nossa cerveja e os petiscos por demais apetitosos da sogra Helga. A velha senhora se renovou. De uma velha triste surgiu uma história alimentar ressuscitada. Vi um milagre. A morte saída de um túmulo. As mãos de Úrsula e Maria prepararam chouriços, einsben, chucrute, tortas, bolinhos trazidos de profundas lembranças teutas. Pra saber, Úrsula fez parceria com duas mulheres de Não–Me–Toque. O pub estendeu seu prestígio pela região. Úrsula, uma mulher possuída por um surto capitalista.

Nesse tempo, por três anos, exaltava-se a glória feminina. Eu era visto como um mascate cervejeiro. Não perdi a minha alegria, mas, com muita dificuldade suportava o ofício de viajante da Prima. Uma sombra, porém, começou a me deixar preocupado. Não mais via em Úrsula a mulher disponível para a descontração e carinhos estendidos. Quando narrava causos pitorescos ou brincadeiras da minha rota, começava com propostas no interesse de estender a arte de Helga, para produtos produzidos em escala industrial. Minhas conversas caíam no silêncio.

Pois bem, no meio de minha parca animação e da exaltação dos projetos e negócios, Úrsula descobriu-se grávida. No instante da notícia

ela reagiu, como se estivesse ameaçada. A novidade caiu em mim como momento de ternura. Abracei-a comovido. Minha juventude andava ao largo, me percebia um avô, a ponto de criticar meus filhos por não me darem netos. O mais velho riu ao manifestar o meu desejo. É desejo de uma tradição vencida, respondeu.

As ideias se precipitavam, quando vi uma lágrima em Úrsula.

— Está contente, bem?

— Desconcertada! Não queria pra agora... Só pode ser... Só pode ser, exclamou irritada.

— Pode ser o quê?

— Me esqueci dos dias. A instalação da unidade de nosso projeto HH - Helga Haus, me distraiu. E você, sempre do jeito que é, não me deixou em paz.

— Seja como for, estou feliz.

— Fique com a sua felicidade. Eu é que não sei o que fazer.

— Seja mãe! Adverti, irritado.

— Não será você a carregar este peso. Estou com tudo por fazer.

— Querida, nada impede de continuar os negócios. Ajudarei, serei o Odair de Passo Fundo.

— Vou pensar.

Um mês de diálogos, dias de pouca alegria. Minha mãe entrou no assunto, mostrando o quanto uma mulher de mais de oitenta anos poderá ser a cuidadora, enquanto Úrsula andasse de cima para baixo atrás das HH. Por fim, aceitou a ideia da maternidade.

Passaram-se os dias de minha aflição. Veio uma menina, a Elise, do meu coração. No terceiro dia após o nascimento, acabou o leite materno. Tornei-me um exímio amo de mamadeira. Para aumentar meus sentimentos paternos senti, ao tê-la nas mãos, um olhar alegre. Enquanto a pequena mamava, eu ouvia palavras recorrentes: ainda bem

que a oclusão, laqueadura, obstrução foi um sucesso, falou ela. Arrisquei, então:

— Toda mulher tem instinto materno. A natureza foi feita pra tanto.

— Isto é conversa machista.

— Valeu, querida! Bem que a vida tem sua manhas, me deu esta filha para me alegrar.

— Você está fora do tempo, meu velho.

— Que assim seja. Mas, não estou lhe reconhecendo, mulher.

Uma semana foi suficiente para retomar as viagens. No dia do nascimento, mais ouviu o telefone que os vagidos da pequena. O poder, para ela, tornou-se cruel.

Após meio ano, conversei com a Helga:

— Vê se diz pra filha estar mais perto da neta.

— *Checou o tempo tos homens ficar em casa com os filios. A minha filia acora é uma mulher de necócios. Ela tá muito feliz com o trapalho. Techa ela to cheito que tá. Ela tem muita breocupação. A chente sofreu tantos anos.*

— Falou, dona Helga.





## TEMPOS SEM MISERICÓRDIA

Após a percepção do espírito capitalista de Úrsula, humores cáusticos e alegres misturaram-se por esses dias. Minha sogra, ao me ver com o cenho amargurado, resolveu amenizar as palavras de dias atrás.

— *Herr Ânchelo, eu chá falô com a Úrsula. Ela tá muito lonche ta Elisse. Ela tisse uma vez ali: acho interessante como o Ânchelo cuita da filinha. Ele nunca foi de trapalhá muito. É pom cuitá um pouco da nenê. Tá pra vê como a nenê costa.*

— É vertade, fiz boquinho pra facê a Prima, nada fiz pra ventê a cervechinha do Péricles.

— O senhor tá me çoando.

— *Tô e me techa que acora vô cuitá ta minha nenê. Agora não vou mais coçá da senhora, Frau Helga. Já falei com a minha mãe. Ela vai ajudar a cuidar da minha nenê. Como o senhor Péricles já reclamou de não estar atendendo direito a clientela, retomarei minha viagens na região. Não se preocupe: nenhum dia ela ficará sem meus cuidados. Também contratei uma mulher muito querida pra ajudar nos cuidados da minha nenê.*

A velha senhora alemã disparou um olhar raivoso, mas não deixou de dizer: O senhorr é chente poa, sabe o que facê.

Por despedida, estendi um beijo.

Não deu outra. Úrsula veio com tudo pra cima de mim. Conhecia o rosto dela, transtornado.

— Agora deu pra encher o saco da minha mãe?!

— Não o saco, pode ter sido a paciência da velha. Mostrei a sua falência afetiva.

Não pude conter uma risada gostosa. Ela se mostrou enfurecida.

— Você é um filho da puta. Ela está de cama por causa da pressão. Se morrer, nem sei o que faço contigo.

— Se matar, a filha perde a proteção. A mãe é ausente. Escuta, não quer entregar? Minha mãe sugeriu: acaso a velha amiga Clara não quer ficar com a Elise? Ela ficou louca pela pequena. Veio ver a nossa filha. Elise gostou da atenção da Clara.

— Que a Clara vá à merda!

— Garanto. Se o ventre da sua amiga não produz uma criança, está louca pra adotar.

— Falei alto: se a mãe da Elise é ausente, ela tem pai. E fique sabendo que estou pensando em abandonar as viagens. E falo pra você, Úrsula: se o sucesso lhe faz esquecer a nossa casa e a nossa pequena, a mim pouco se me dá. Nestas alturas, se eu perder a Prima, que se dane, sou mais a minha filha.

— Seria capaz de me deixar?

— Por certo. Você não é mais a mulher com quem me casei.

— A gravidez veio em hora errada. Sempre me apavorei com a pobreza da minha casa. A vinda de Elise se tornou uma ameaça. Um surto maldito me afetou.

— Quem sabe o psiquiatra Boaventura possa lhe ajudar.

— Isso é pra louco!

—...

— Tá bem, vou marcar horário.

— O tempo é bom mediador para avaliar o bem e o mal, mas sempre é importante a mediação de alguém de fora. O Psiquiatra ajudou tanto pelo medicamento, quanto pela palavra.

Enfim, chegara a minha hora de retornar para rever meus pensamentos, palavras e ações, à semelhança das confissões católicas, de quando era menino. Resolvi retomar as vendas da Prima. Tanto eu quanto Úrsula, no entanto, parecíamos feitos pelo provisório. Assim se fez um ano. Percebia em Úrsula uma avidez, uma tensão demasiada.

Aceitava a filha como um dever. Nada permanecia estável. Todavia, não posso negar o sucesso das vendas em razão de meu talento e da competência de Péricles na variação de especiarias.

Por me ver saturado da Prima, resolvi cortar as relações com ela no meio do estradão. A minha casinha me enchia de saudades ao vê-la virada em adendo da sagrada Helga Haus. Não ouvia mais a música do vento no taquaral, tampouco o murmúrio do riozinho. O que mais se ouvia eram vozes alegres de quem bebia. Voltava, agora, para meu amplo apartamento; decorado, não dá para negar, com asseio e quadros ornamentais, alguns de bom gosto, merecedores de admiração, encomendados aos melhores pintores de Passo Fundo. Não preenchiam a saudade do meu rancho antigo. A leveza do meu ser desaparecia. Minha conta bancária e mais alguns imóveis reduziram minha preocupação.

Despertei com o choro de Elise. Úrsula, novamente foi atacada pelas incursões regionais. O apelo forçado para o cuidado por Elise fugira pela janela. Ao me estirar na cama decidi telefonar ao Péricles: dez anos de solidariedade financeira deu pra minha bola, assim me expressei.

Nem bem passara uma hora, apareceu o vivente empreendedor, o maior técnico cervejeiro do Rio Grande do Sul.

Pelo toque da campainha na portaria deu pra perceber a nervosia do *home véio*, como lhe chamava.

— Então é coisa que se faça, me deixar na mão?

— É minha decisão. Em dez anos de sociedade crescemos juntos. Se você quiser continuar, continue. Vendo pela metade o valor da minha parte. Tenho um ano de dúvidas e cansaço. Vendi até ontem. Amei o que fazia. E vender tem disso: o sucesso tem a ver com a qualidade do produto, mas, o principal reside na ternura com que me entreguei à nossa Prima. Estou nos meus sessenta e cinco, com direito de escolha. Estou

admirado de mim. Parte de minha persistência está na razão da Prima e muito em parte de nossa amizade.

— Já pensou o que dirá ao Fábio?

— Ele vai concordar. Foi bom mestre. Aprendemos a principal lição: o que ele mais preza é a qualidade de vida. A minha qualidade se esgotou.

— Vai fazer o quê?

— Me agrada a ideia do Padre Ferronato; vou ajudar as avós de uma creche. Hoje existem muitas cuidando dos netos. E andam com poucos recursos. Muitas dessas velhas senhoras estão num cortado, pedindo compaixão.

— Agora vai dar uma de irmã da divina providência.

— Apenas um olhar solidário.

— Isso é pra a Secretaria de Assistência Social resolver.

— Já fiz minha escolha. São dez idosas a serem auxiliadas. As mães, por diversas razões, aguentam no osso do peito um destino cruel e as avós não suportam ver os netos à deriva. Tem mais, tô inventando com o padre Ferronato um novo ofício.

— Mas como surgiu essa ideia maluca?

— Duas razões movem o meu pensar. Lembra do Padre Ferronato e o trabalho que realiza com os idosos? Não pense que todos os gringos são santos. As velhas mães sofrem com a solidão. Falo delas porque a longevidade feminina é bem maior, deixando-as na solidão. Os filhos dispersos, distantes as mães distantes, amantes de velhas casas, preferem a solidão e o calor do lugar. Praticam com as companheiras as mesmas linguagens, preferindo estas às mudanças radicais em outros espaços. O padre me mostrou a alegria nos encontros e a necessidade de proteção de quem deu corpo e alma pela família e comunidade, sendo a Igreja a casa de todas. E quando se mostram frágeis a igreja oferece compaixão e esperança.

— Qual o companheirismo ou fé que você oferecerá?

— Apenas a solidariedade que reúne as duas virtudes. Mas, deste sentimento provei na minha casa. Depois da iniciativa empresarial de Úrsula, caiu mal a gravidez; resultado, minha mãe tomou conta da Elise, sendo eu o provedor, enquanto Úrsula se despenca por aí afora vendendo a ideia das HH, que você conhece.

— Que eu saiba, quando a Clara mostrou interesse em adotar a Elise, a Úrsula virou uma fera, assumindo de vez a maternidade.

— Coisa de um ano. Na intermitente ausência de Úrsula é minha mãe quem mais contribui com ternura e cuidado. Ela teve minha presença muito diminuta pra garantir o bem estar da minha filha. Hoje, quem leva a pequena na creche sou eu. Mais tarde vou esclarecer, o que não vem ao caso agora. Por não ser cego de corpo e alma vejo e muito vi a presença das avós trazendo e levando os netos. Não precisei de muita conversa pra saber a situação difícil de muitas delas.

— E as mães?

— A metade delas não está nem aí para os filhos. Vivem como se eles não existissem. A natureza fala sem cuidado. A gravidez é apenas fruto de desejos fortuitos e não de qualquer tipo de planejamento. A paternidade é coisa de uma conexão qualquer. Se não houver alguém que olhe para essas crianças, elas se tornam seres avulsos, gerando seres avulsos. O sentido de moral e autoestima passa ao largo da vida, então, matar ou morrer faz pouca diferença.

— Parece loucura.

— Sei lá o que me deu... Acho que por querer protegê-las para não se perderem como a Úrsula, desesperada para suprir o que não teve. Juntei as atividades do padre com as velhas italianas e me convenci de poder fazer o mesmo com as idosas da creche.

— Tá virando um santo, desse jeito. Mas, uma curiosidade, você avaliou bem as razões de as avós ficarem com os netos?

— Você disse bem: ficarem. Tem avós que os levam e trazem apenas como tarefa de compaixão. Restos de bondades, assumindo de

vez a vida, numa precariedade lastimável. Talvez uma mão a mais possa ser o suficiente. Se ajudar a metade a quem penso ajudar, me dou por satisfeito.

— A causa parece nobre. Faça como quiser. Retomando o assunto, não aceito que me abandone *asi no mas*!

— Não lhe abandono *asi no mas, pero sin charla mas*.

— Mas pelo menos fique ainda três meses para os acertos finais. Verificar como ficará a sua parte na Cervejaria e quem irá lhe substituir. Peço este tempo, porque a banda é larga na tarefa da distribuição.

— Me sinto como os escravos na lei dos sexagenários. A oposição ao imperador exigiu mais três anos de trabalho para a concessão da liberdade. Você pede menos tempo, apenas, não sei se me é mais pesado o seu pedido, comparado às exigências para a liberdade negra. Por mais injusta que pareça a comparação, aceito em memória dos negros enfraquecidos.

— Me parece demais a história das avós. O que deu em você? Estou curioso.

— Esclareço melhor a minha presença na creche municipal. Foi assim... a Elise frequentava uma escola particular. Conversando com a sua professora, fiquei sabendo de seu trabalho como diretora em escola de educação infantil do município. Relatou-me o fenômeno das avós cuidadoras dos netos. Manifestou sua compaixão em relação às velhas senhoras. Uma luz surgiu. Concluiu os dez anos de sucesso financeiro. Se morrer hoje, nada terão a dizer sobre qualquer razão do meu viver.

Para avaliar os próximos cinco anos, valho-me da memória envelhecida. Meu cansaço se desdobra.

— Está bem... Sua estrada foi longa. Fique, pelo menos, mais um mês. Agradeço. Ei, pelo telefone, a repórter Andreza me chama. Tchau.

— Até breve.

Uma insidiosa conduta financeira reincidia em Úrsula, pura erva daninha. Os esforços do psiquiatra e dela foram valentes. Pelearam com diferentes armas: Dessensibilização financeira, logoterapia, medicamentos diversos, terapia comportamental e princípios da psicanálise serviram como chá para minimizar a loucura administrativa de Úrsula. Não raras vezes eu a vi com lágrimas escondidas. Sabia da luta para vencer o complexo guloso que se abatia sobre ela. Queria de todas as formas se achegar à Elise, mas, o diabo sovina prevalecia. Pretendeu como Teseu matar o Minotauro. O máximo que conseguia era levar o fio até um eito do maldito labirinto. Sempre retornava pedindo perdão por se fixar no ofício de empresária. Conseguia por alguns dias equilibrar o apetite pelas estradas na busca das Helga Haus. O afeto dispensado à Elise repercutia beneficemente, breve como chuva passageira. A pequena sentia falta da mãe. Os apelos infantis agravavam a sua dissonância.

Por ver a sua luta, me enchi de compaixão. Fui ter com Helga. A velha andava trôpega de tanto trabalhar. Me revelou o quanto sentia a luta neurótica da Úrsula. Agradeceu a minha compreensão. Me aproximei mais de Helga.

Por dois anos me envolvia com as avós cuidadoras da escola de educação infantil do município, aprendendo o zelo familiar com o qual se envolviam, por vezes, sem auxílio por parte de algumas. Por ver minha sogra tão desgastada, sugeri a ela que tivesse apoio de algumas de minhas avós, fosse apenas professora. Apresentei-lhe duas das avós para ajudar como auxiliares. Aceitou de boa vontade.

— Pode. É muito trapaio pra cuitá a rechão.

— Já são oito Helga Haus. A senhora está toda quebrada.

— Non queprada, só meio alexada.



- Abracei-a carinhosamente. A senhora é uma santa.
- *Net so fil.* Nem tanto. Ela chá ta rica e tampém meio veia.
- Deixa pra mim, querida sogra.
- *Mach tan so!* Faça isso, se expressou chorando.

Os esforços em convencer Úrsula para diminuir o ritmo do trabalho deixavam-na abatida. As intermitências afetivas aumentavam o dissabor de Elise. A partir dos doze anos tentei explicar para ela o jeito de Úrsula. Brincava, dizendo haver na mãe um amor saltador. Ao avançar na idade ela entendeu razoavelmente o sofrimento antigo da mãe.

Com exemplos do cotidiano entendeu a compulsão dela. A avó Helga saiu-se bem ao relatar o sofrimento infantil da mãe pela miséria em que se encontrava quando criança.

Manhã soalheira, as últimas sombras da noite desapareciam. Abracei Úrsula ao sair do apartamento, mais uma vez testando a resistência dela ao dizer que poderia chover.

— As estradas estão péssimas, Úrsula. O tempo promete muita chuva.

— Bem, me deixe ir. Não posso perder a oportunidade de abrir uma nova Helga Haus. Prometo que será a última. Deixa eu ir que é também pra pagar as ajudantes de mamãe. Compreenda, essa será para o futuro da nossa filha.

— Temos para garantir o futuro de nossos netos.

— Quem sabe do futuro? Com essa política temos mais ameaças que garantias. Por favor, marquei horário com as amigas. Nunca vi pátio mais adequado para oferecer nossos produtos. As investidoras são de confiança. Elas também querem mostrar o quanto podem na vida.

— Desejei sucesso, para não a deixar mais agitada.

— Deu-me um beijo rápido ao descer para a garagem. Vi a figura renitente fechando o elevador.

Fui deitar tentando amenizar a minha aflição. Elise veio se esgueirando para deitar ao meu lado.

— Papai, ela já foi?

— Foi.

— Não vou pedir mais nada pra ela, murmurou, ao me abraçar com ternura.

Enquanto ela dormia, lembrei da minha hora com o Boaventura. Nem se passara uma hora quando o celular despertou.



## NA HORA DA NOSSA MORTE

Me senti ferido ao reconhecê-la entre as ferragens. O corpo esmagado negava quem a conhecera. O rosto, porém, estava sereno. Livrá-la foi demorado, enquanto a angústia me devorava. Levamos três horas para atender a burocracia. Curiosamente, o carro perdera a direção numa reta sem buracos. A velocidade não era pouca, falou-me o policial; quase pôs abaixo esta árvore.

Liberado o corpo, levamos os restos de Úrsula. Restos de um corpo que fora agitado. A notícia andou rápido. Péricles foi efetivo no atendimento do processo burocrático. Nessa hora lembrei um autor: as pessoas tem pressa diante da morte como se ela pudesse retornar novamente. Minha mãe e Helga vieram fazer as despedidas. Não mereciam ver a morte antes dela se apresentar a elas pessoalmente, matutei solitário. Me distraí, tentando criar um diálogo entre a vida e a morte. A vida dizendo: bonito, dona morte, não sabe fazer outra coisa? A morte respondendo: não fale isso, acaso não foi você quem fez essa mulher se perder na estrada? Dona Helga estranhou minhas feições distantes de tudo:

— Tu não tem tristeza, man?

— Lembrei da alegria dela.

— Será que ela morreu como o pai. *Er hat sich geschoss*. Ele se deu um tiro.

— Mas, a morte dela foi acidente.

— Non sei.

— Fica pra senhora a dúvida.

— Tá pem. No tia de ontem vi ela chorando, Âncelo. Non sei como vô viver *one mein traurig Kind*, sem minha menina triste.

— A senhora foi uma mãe forte. Ela sempre se mostrou agradecida pela colaboração.

Havia um olhar duro como de alguém a enfrentar a morte de perto, uma fatalidade a ser desafiada.

— Vô techá a vida como tá. Vô só quando Teus quissé.

— Faz bem.

Abracei-a com carinho.

— Não se preocupe com a empresa Helga Haus. Tudo farei para terminar bem. Semana que vem vou fazer levantamento. A senhora vai fazer o que quiser com o resultado.

— *Danke*. Opricado!

Péricles e Maria vieram pouco tempo depois de iniciado o velório. Vieram meus filhos, percebi-os envelhecidos. Gabriel, de alma semelhante a minha, não sabia levar muito à sério o que se punha nele.

— De novo sozinho, papai.

— Como você. Já era tempo de achar alguém, guri.

— Tenho duas e não sei com qual ficar. E sorria diante da tia falecida. A morte andava a quilômetros dele.

Da região vieram os amigos de Úrsula e alguns dos meus clientes. Havia muita dor nas amigas e sócias na HH. Apreciei o quanto estimavam Helga e Úrsula. Compaixão era dizer pouco. Laços ternos perpassavam as empresárias caseiras. Manifestavam entre lágrimas a grande admiração para com a falecida, enquanto eu rezava, mais por mim, para que tudo terminasse o quanto antes. Ao meio dia chegaram Clara e Elise, abraçadas.

Pouco disse da amizade entre as duas. Pra ser verdadeiro, havia tanto companheirismo entre elas, parecendo mãe e filha. Reparei um olhar ciumento de Helga. Ela não suportava a amizade de Clara com a neta. Doía-lhe a distância da filha para com Elise. Até na morte não se desfaz da precariedade humana. Me comoveu a cena quando minha doce Elise abraçou a avó Helga. Sabia faz tempo do carinho entre elas.

Encolheu-se pra caber no peito magro da velha. Os peitos velhos sumiram de tanta dor. Embora distante das companheiras da sociedade HH, correspondeu afetuosa aos gestos de solidariedade. Tinha eu condições de sentir qualquer afeto diante de morte tão feia? Pois, por inaceitáveis meus sentimentos alegres, se revolviam afetos em mim. Forcei um jeito como se nada ocorresse em mim.

Ainda, devo recordar alguns amigos responsáveis pela venda da Prima. De um deles em especial não posso deixar de lembrar. O seu Deves havia perdido sua velha mulher. Ambos eram mirrados. Fui no enterro. Me comovi ao vê-lo acompanhar o féretro até o cemitério, não sabendo qual dos dois era o mais falecido. Recebi com carinho a solidariedade do velho senhor. Por Deus, senti por ele mais dor que por mim.

Não admitia não me entristecer. Seria porque me distanciara dela? Avaliei a minha indiferença, culpando a forçosa afetividade para com a filha. O dinheiro é cruel. Interfere até em quem devíamos velar compungidos. Basta deste velório estranho para mim. Não sentia abandono algum ao pensar em minha solidão. Seria eu um ser humano de pouca intimidade? Amava minhas avós das vilas? Pois vou me ocupar delas para esquecer a silenciosa e fraca dor, consolando-me com a reciprocidade alheia.

À noite, chorei com meus lençóis a sorte humana tão difícil, expressa na querida mulher que se perdeu na estrada. Que merda, consegui pensar antes de dormir.

O vazio da madrugada surgiu robusto. Faltava a parte dela em mim. Lembrei-me do difícil diálogo com Úrsula; ao lhe narrar o sonho das avós da creche municipal, riu ao me alertar que, como diz o ditado: os semelhantes se acham, velho com velhas é a pedida. Vê se não dá a parte da Elise para as avós.

— Não se mate por isso. Ela me ajuda no plano de apoio às velhas desamparadas. Quero que veja a sua alegria ao ver a vibração dos netos daquelas avós.

— É um abuso. Não basta o absurdo dos impostos?

— Faço de coração. As crianças precisam de proteção. Isso o Estado não ajeita.

Ela se convulsionou. Não entendo você, lida muito mal com o dinheiro. Era a dor antiga deixando-a sem jeito.

— Querida, não se aflija. Sei de seu velho desespero diante da pobreza.

la eu desse jeito refazendo as distâncias, tentando dialogar, que o silêncio tinha tamanho, quando na porta surge Elise.

— Papai, sonhei com mamãe.

— O que sonhou?

— Ela me olhou rindo de longe. Preferia ela me abraçando.

— Ela preferiu proteger você pra não sofrer o que ela sofreu quando criança.

Narrei, então, a história da vaca lutadora. Pois é, filha, sua mãe foi lutadora. Tinha medo dos lobos da infância. Isso você ouviu muito da tua vó Helga.

— Então é por isso que você ajuda as avós. Não quer que as crianças fiquem ameaçadas pelos lobos.

— Que lobos?

— Você viu as casas delas? Tudo se desmancha. A pobreza devora quase tudo. Devorou até a ternura da sua mãe. Veja, foi ela quem ajudou a me inspirar neste projeto. A pobreza doía muito nela. Não havia maneira de passar a dor. Buscou no negócio sua maior proteção; nunca suportou a menina pobre que foi.

Ela me abraçou. Choramos os dois. Velamos a sua memória com carinho.

Manhã de sol, com pedras quentes por onde caminhávamos. Elise se movia em compasso de dança. Íamos visitar uma das avós, Adriana, ajudante da Helga. Quinze anos fortaleciam a pequena Elise. Atendeu o celular.

— O que a Clara quer?

— Como sabe?

— Só pela conversa.

— Falei ontem que a gente iria à casa da vó Adriana. A Clara quer acompanhar.

— O que você acha?

— Pra casar?

— Não. Com a Maria deu no que deu. Com a sua mãe estava difícil. Não quero arriscar.

— Eu gosto da Clara. Ela anda de olho em você.

— E eu de olho, também.

— Faz bem, poderá viver com ela da maneira que quiser.

— Vou devagar. Não esqueço a Úrsula. Devemos muito a ela.

Só não conseguiu mostrar todo o seu coração porque sofria.

— Se ficar com a Clara será como companheira.

— E você, minha garota?

— Pai! Sou de outro tempo; estou de olho num garoto. Ela, se casarem, será minha madrasta à distância.

— Posso saber quem é o garoto? Estou adiantado nos meus sessenta, não posso perder nada. Perdi muito dos meus filhos quando me separei da Maria. Quero saber quem você ama.

— Segredo.

— Tudo certo. Então, visitemos a vó Adriana!

Ela nos recebeu com carinho. Era uma senhora beirando os sessenta. Uma das avós de hábitos cuidadosos. Separada do marido, beberrão e vadio. Recebeu o trabalho com a Helga como um prêmio. Tinha participação nos lucros dos produtos vendidos para as HH em toda a região. Retornou aos tempos de alegria com a neta, garota promissora sempre em dia com a escola. A avó solicitou que pudesse permanecer trabalhando no emprego, pedindo pra eu atender outra avó por ela indicada. Voltamos contentes pelos resultados do projeto Avós de Passo Fundo.

Mal havíamos chegado, tocou a campainha, era a Clara. Esperta ao entrar, me saudou como se nada quisesse comigo. Sua amizade com Elise se tornara intensa. Eu sabia da importância. Enquanto conversavam, pernejou uma ideia malandra: como é possível Eva ter caído na conversa da cobra. Clara, diferente de Eva, penetrava no âmago das coisas. Sabia do carinho e dos olhares ternos na minha direção, mas, enquanto Úrsula vivia, não buscou qualquer aproximação.

Fomos em seguida para a casa da outra avó, Francisca. Cinco anos de atenção resultou em amizade profunda. A visita prometia: o assoalho da casa estava completamente renovado. O chão correspondia ao sentido especial de educação. Seu Norberto, entendido em pisos, sabia de cor e salteado a minha opinião sobre a importância da beleza numa moradia. Ao chegarmos, ela nos recebeu contente. Agradecida, quase em lágrimas.

— Veja, agora Federico pode se orgulhar de onde mora.

— Sei como Ângelo ama as casas renovadas, disse Clara.

— Bom dia, tio Ângelo; acordei faz pouco, desculpou-se o neto.

Percebi a troca de olhares entre o quase rapaz e a minha filha, cujo rubor na face revelava os sentimentos.

De fato, a casa é o espelho em que a gente se reflete. Imagino quanto faz mal uma casa que cai. O sentido do abandono traduz a



inferioridade dos habitantes, pervertendo a imagem e imprimindo ressentimentos.

— Falta pintar. Se quisermos ter um menino ou menina de bom humor, as cores serenas contribuem para a elevação. O chão firme de madeira dá um gosto de floresta. Pra apaziguar efervescências e pensar se carece de espaços amenos. E pra olhar de perto os perigos, uma casa bonita é boa proteção. A casa é um serviço de estimação.

— Nossa, Ângelo! Tudo isso?

— Acho que seja, enfiou-se Francisca. Não entendi bem, mas, faz bem entrar em casa bonita. A alegria nasce de repente ao se entrar nela. Quando a gente fica tempo longe, dá vontade de voltar.

— Agora vamos ver a casa da pequena Antonela. A avó inventou de comprar uma cama nova pra ela. Vou ver se a loja entregou o pedido que fiz.

No trajeto até à casa da avó de Antonela, Clara me desafiou com uma questão:

— Se dá tanta atenção às avós da escola infantil gostaria saber de notícias da vovó e da dona Helga?

— Fui pego de surpresa. Me afastei das duas como se apenas fossem seres imaginários. Isso merece reparação, darei notícias.

— Não, senhor! Quero participar desta história. As duas não podem ficar por aí como desconhecidas, principalmente, depois da morte de Úrsula.

— Está bem, mas, hoje vamos primeiro à casa da vó da Antonela.

— Certo, depois iremos ver como estão as duas. Eu vou contatar com elas.

Assim que chegamos ao nosso destino recebemos efusiva saudação.

— Tio Ângelo, venha ver meu quarto novo, gritou Antonela, de dentro de casa.

A avó nos levou até o quarto e, enquanto nos mostrava a pintura nova, a pequena acariciava a colcha na cama.

— Ela é muito fofinha, muito gostosa de dormir!

— Deu uma reparada no jardim, seu Ângelo?

— Reparei, sim. As mudas pegaram bem.

Enquanto tomávamos um cafezinho, espiei o caderno da pequena e a fiação elétrica da casa, que estava perigosa.

— Muito obrigada por tudo, seu Ângelo. Depois que conheci o senhor até o meu estômago melhorou. Eu vivia numa gastura, no meio de uma casa cheia de goteiras.

— Dona Antônia, estou com ciúmes da senhora, reclamou Clara; este senhor nem liga mais pra mim. Só quer saber do projeto Avós de Passo Fundo. Também estou carente de atenção.

Rimos enquanto nos despedimos.

Elise e eu fomos para casa. Deixei Clara na dela. Fiquei de lhe avisar sobre meus passos, assim que falasse com a minha mãe e a Helga.



## **A NOVA VIDA DE HELGA E MÔNICA**

Bendita Clara por nos despertar para caminhos insuspeitados. Suas mãos teciam o desconhecido. Sinceramente, não suspeitava que um relacionamento tão desprezioso pudesse piorar. Mas como dizia minha mãe: muita alegria, pouco juízo.

O domingo da Páscoa nos surpreendeu. Elise me acordou às oito.

— Pai, a Clara telefonou. Ela virá às nove e trinta.

Em pouco tempo me perguntava: o que deu nessa louca? Liguei a televisão. As notícias mostravam o tamanho da vergonha brasileira. As ratazanas não perdiam a voracidade. As instituições públicas vilipendiadas. Analistas avaliavam a banalidade do mal como se os rombos das empresas e dos administradores públicos fossem endêmicos. Os esforços da vigilância policial constituíam uma esperança. Presidente e ex-presidente me faziam rir. Mentiam como se nada tivesse acontecido. Semelhantes aos nazistas, apenas mais civilizados, grande parte dos políticos retirava recursos vitais da população: crimes semelhantes às narrativas de matadores, difíceis de serem apanhados. No amanhecer de um domingo, ria pra não chorar.

Chegaram: Clara na frente das duas velhas que me saudavam felizes: Helga e mamãe. Avaliei num relance: a morte pode provocar a vida em quem está a morrer?

— É a ressurreição dos anjos? Parece um sonho.

— Não herr Ânchelo, são suas veias! Exclamou Helga.

Estranhei a vitalidade das duas. Se as vestes de grife diziam muito, o brilho dos olhos dizia muito mais.

Um ano de falecimento da querida Úrsula, o suficiente para esquecer. De fato, o tempo nosso de cada dia deixa a todos liquefeitos.

Uma interrogação, enquanto acomodávamos as visitas, não me saía da cabeça. As duas juntas: uma velhice vibrante. Aí tem...

Minha mãe apresentou as razões da visita.

— A Helga possuía conta conjunta com a Úrsula. Ela quer dividir com você os lucros das Helga Haus.

— Não careço dos lucros dela.

— Pensei uma vez ali, Âncelo. Tas is richtich. Certo, como se tiz. Eu ter tampem minia conta.

— Não fazia ideia do que fazer com o dinheiro no banco.

— A Moni e eu resolvemo viachar.

— Pra onde as duas meninas pensam ir?

— Não deboche filho. A coisa é certa. Nós nos aproximamos muito depois da Úrsula partir. Estamos pra lá dos noventa, mas com saúde. Temos os passaportes em dia. Vamos pra Alemanha.

— *No lo creo.*

— E as pruxas somos nós, instou Helga, rindo.

— Por que Alemanha?

— Nasci em Tresden. Quero viachar pra cidade onde morreu meu pai, e minia mae e a minia irmãcinha Ruth.

— Nossa senhora, que desastre. Como foi isso? Falei.

Ela então aprumou a cabeça em direção ao nada, como hipnotizada, os lábios tensos. O rosto envelhecido mostrava a austeridade dos traços, ressaltando os ossos e a tez enrugada. Uma narradora cheia de palavras cravadas no incêndio. A dor rasgava a garganta da velha. Um monumento com ranhuras do tempo. Ouvíamos tensos.

Foi assim, que mal traduzo a corrente do desastre. Terrível foi fevereiro do inverno de 1945. Em torno de mil aviões dos aliados bombardeou e destruiu Dresden; a cidade com pouco mais de trezentos mil habitantes se transformara num local com cerca de um milhão de refugiados, amontoados em escolas, igrejas e barracos.

Naquela noite fui facer xixi. Quando ouvi um trovão. Era nossa cacinha em pedaços. No chardim papai, mamãe e minha irmãzinha. O panhero foi meu punker. Critei solita, ninguém pra ouvir.

Mais tarde, na internet, vim saber das três grandes reides com aviões da força aérea americana e inglesa. A primeira investida com mais de duzentos aviões, fortalezas aéreas, derramaram milhares de bombas destrutivas e incendiárias. As primeiras pra pôr à vista o interior das casas e instituições, as segundas pra pôr fogo em quem estivesse vivo. Não bastando as três horas de constante bombardeio, por fim, vieram os caças rasantes metralhando a população apavorada. Em torno de duzentos mil alemães foram chacinados, ela terminou a narrativa:

— Só pra ver uma vez ali. Saí to nosso punker, tudo era tão feio que nem chorava. Alcuns tias se foram, não sei quanto, canhei comida. Tispos fui na casa de um tio, o Anton. Ele morava lonche do centro. Caminhei, caminhei entre toda chente morta na estrada. Tudo fetia. Em maio a Alemanha viu que não tinha cheito. Tisse: chega! Morei uns dois anos em campo de refuchiados. Meu tio Anton ressolveu me mandar pro Brasil. Parei em Porto Alegre. Encontrei uma família da Alemanha. Trapalhei que nem louca. Me casei com vinte e dois anos com o Theodor. Viemos pra cá, mas nada teu certo. Me senti crávida da Úrsula. O pobrecinho do Theodor não tinha cheito pra roça de uma fazenda. *Er hât sich geschoss*. O pobrecinho se matou. A Úrsula chorava de fome e tussia que era feia a nossa casa. Era feia messmo. Nós da Alemanha não quenta casa feia. Úrsula foi pra escola. O resto da história vocês conhece! Um tia ela falô: não vou viver tesse cheito. Por isso se matava de tanto trapaia.

Silêncio, a mais funda quietude se fazia em nós!

Acora vocês sabe porquê quero ir pra Tresten.

— Vou tisser pros americano que *ich Bin lebendich*, estou viva. Vou chamá eles de filho da puta! Não precisava facê aquilo. A guerra

tava canha. Vou chorar um boquinho depois eu e a Mini vamos comer chucrute heinsbein e pepê cervecha até face xixi nas calcinha. Ria muito.

— Mamãe, a senhora dá conta desta alemoa?

— Vou junto pra matar a tristeza. Me penalizei com a Úrsula, mas, foi uma lição. A gente tira desta vida a vida que se leva. Não vou me matar de cuidados. Vejo como Clara está sempre junto da Elise. Depois que velamos a nossa nora e filha, brotou uma amizade maior que a morte. Que amor podem fazer duas velhas? Muito mais do que é costume pensar. Falamos e nos queixamos de estarmos sozinhas.

— Vão descansadas. Vou estar com Elise, afirmou Clara.

— Posso pedi um favor, seu Ânchelo? Não sei se o sinhor sabe.

A Conta do panco é conchunta. Só o sinhor poder ver.

— Não sabia disso. O quer que eu faça se houver dinheiro pra retirar?

— O tinhero é do sinhor.

— Vou ver. Se o resultado for bom, financio a viagem. Aliás, quem vai financiar é a Úrsula.

— Ao nos abraçarem, a curiosidade me mordida.

— Mas pra quando é a tal da viagem pra Alemanha

— É pra amanhã, respondeu mamãe.

— Se cuidem, advertiu Clara.

— O tiabo dos americano não manda mais. Eisenhower, Churchill e Stalin não caga mais por lá. A Ânchela Merckel tá lá. Ela cuida da chente. Falo alemão. O inglês, *so und so*. Se encontrar uma americana vô falá pocas e poas.

Tampouco resolveria dizer sobre quanto o dinheiro americano ajudou a soerguer a Alemanha. Que deixasse dizer do osso atravessado na garganta. Pouco adiantaria explicar que as brutais mortes de Dresden foram para pôr um rápido fim, salvando vidas americanas. A minha casa não foi devastada. É difícil ver de perto a dor dos outros. De todo jeito, concordo com Helga: *Não precisava facê aquilo. A querra tava canha.*

— Então, vão mesmo?

— Amanhã tomamos o avião pra Porto Alegre e depois é com a Helga.

— Mas quem financiou.

— Não pense que a alemoa é uma boca aberta. E imagine só, filho: em classe *essegutiva*.

— E a senhora, mamãe?

— *Essegutiva também*. Rindo-se toda.

Não perguntei pela razão de tanta bondade. Os tempos... os tempos... Clara me piscou com uma ponta de maldade. Confesso que estranhei o vigor das duas. Minha mãe, não a via tão exultante desde a viuvez.

Não demorou, Clara e Elise caíram numa explosão de risos. Eu ainda perplexo não via com clareza a razão de tanta euforia.

— E o papai vendo as duas como se já fossem dois fósseis.

— Mulher é bicho sem tino. Mais riam.

Fui para a rua me sentindo um asno.



## **UM ENCONTRO INESPERADO**

*Memento homo quia pulvis es*, repetia o padre em minha primeira comunhão. Pobre de mim, criança indefesa: a voz consternada, agressiva me alertava para a fragilidade humana, incutindo temores fundos, bem mais do que aqueles da minha curta compreensão. Fixaram-se as palavras, mais tarde a tradução. É esse pó humano que me faz rir. Tenho razões para me defender dele. Meus movimentos se dirigem para a alegria e a irreverência, afastando-me, por vezes, da conduta política e moralmente correta. Vejam se é motivo de engrajar-me na viagem de mamãe. Verdade ela se mostrava rejuvenescida. Discordava da conduta um tanto forçada, ou seria eu, por não concordar é que me defendia dessa amizade. Duas velhas... Entretanto, o meu julgamento não merecia credibilidade pela natureza volátil do tempo e o meu modo de ser. Afinal, tudo se desmancha com facilidade. Em mim nada se fixava em permanência. E quem era eu para administrar os sentimentos de quem quer que fosse. Ela sabia, pela idade, distinguir muito bem o que fazer. Então enquanto caminhava nesse compasso distraído, me divertindo em considerações, ouvi uma voz conhecida na minha frente, era Maria.

— Que ar de felicidade é este? Muito bom dia, Ângelo.

— Parece ler meus sentimentos.

— Não chego a tanto. Podemos falar aqui no bar. Todos pensarão tratarmos de assuntos da Prima.

— Até me esqueço dela.

Narrei, enquanto apreciava o cafezinho, minha vida com Clara, meus esforços com as Avós de Passo Fundo e sobre a viagem de Helga e mamãe. Já não tendo o que dizer, brinquei com a viagem da minha ex-sogra.

— Vê se pode isto, reclamei.



— Agora, duas velhas não podem viajar? E se for um pouco mais do que amizade, que se dane quem não ama mais, como no meu caso.

— Como assim?

Percebi a intensidade da tensão em Maria. Aproximei minha mão, no que fui correspondido. Ela a sobrepôs fortemente.

— Falo tudo. No início da cervejaria, tudo ia bem. Depois ele se entregou à Prima como se fosse a única coisa. De noite estudava e de dia trabalhava. Eu, por mais que me interessasse por ele, pelos estudos e pelo trabalho, não passava de uma desconhecida e, por fim, uma pessoa inconveniente.

Velhos sentimentos retornavam. Quando percebi, estava com duas mãos afagando o rosto de Maria. Ela pediu para sair comigo no abrigo do carro. Saímos sem rumo certo. Sentimentos mais fortes se precipitavam. Paramos num edifício de boa aparência. Apertou o controle, abrindo a garagem. Acompanhei-a cegamente até um apartamento decorado.

— Agora podemos conversar sem constrangimento.

Abraçou-me buscando meus lábios.

— Querida Maria, vamos devagar, sei avaliar o quanto dói a falta de reconhecimento. A indiferença faz muito mal. Tenho por você um amor escondido, mas não posso viver na ambiguidade. Tenho certeza que nem você quer isso para nós.

— Está bem, falemos mais.

Este apartamento é meu lugar de refúgio. Comprei com o dinheiro da HH. Decorei com o apoio da Úrsula. A ideia do pátio atraente me rende bons lucros.

Sentei no sofá. Abracei-a quando sentou no meu colo. Mais calma se pôs em lágrimas.

— Desculpe, Maria, não sou o melhor conselheiro. Vou falar com Péricles. Tenho liberdade para tanto, mas fale com o dr. Boaventura.

— Faça o que quiser, querido. Isso não vai diminuir meus sentimentos por você. Ou nada ficou do nosso amor? Tive culpa, sim, fui ambiciosa. Não soube respeitar seu jeito inconstante.

— Não esqueci, apenas busquei a opção por Úrsula por não suportar a solidão. Me contentei até ela se envolver com os negócios da HH. Ainda acrescentou um H de hospício. Ela enlouqueceu pelos lucros da obra criada por ela. Depois do falecimento, iniciei logo uma relação com a Clara. Não sei se prospera. Você conhece meu jeito um tanto irreverente. Estou agora revendo para Helga o resultado final do empreendimento da Úrsula. Agradeço muito a sua amável lembrança. Preciso um tempo pra avaliar claramente o que se precipita em você. Isso tudo me afeta muito.

— Basta a esperança. Sei de seus sentimentos. Os olhos não negam.

— É verdade. As cinzas começam a mostrar o fogo antigo. Por favor, não vamos ter pressa em demasia. Preservo uma virtude: não enganar, por mais que me alegrem os sentimentos.

— Eu não engano, sou uma mulher inexistente de ternura desaparecida. A estas alturas invejo Mônica e Helga.

Pedi um copo de água. Os movimentos distantes da intenção mariana produziram efeitos. O impulso inicial cedeu lugar a uma conversa das três vias romanas junto ao fórum: trivial.

— Dos filhos, tem boas notícias?

— As melhores, querido. Estão com saudades de você. Lembram sempre as histórias de suas andanças profissionais.

— Rendiam mais alegrias que lucros.

— Mas não dá para negar, se a Prima é aquele sucesso é por causa do vendedor.

— Não dá para tirar os méritos do Pércles.

— Nem me fale desse homem. É um computador de última geração: vive de cálculos. Não sei se uma conversa resolve. Chegamos a

um ponto fatal. Como a velocidade de um carro numa curva. A vigilância vem tarde.

Beberiquei a água. Fez-se silêncio. Estávamos suspensos em nossos sentimentos. Ela mais uma vez retornou à questão:

— Quando foi mesmo que nos separamos?

— O pingo d'água foi quando deixei de vender. Você falou: o que vamos comer no mês que vem; nossas crianças não podem suportar isso. Me senti culpado. Afinal, a mulher mata o péssimo caçador quando não mais provê a casa. E agora me pergunto: sou eu ou meu poder financeiro que lhe atrai?

— Não preciso dele. Tenho o suficiente. Estou crescida o bastante para distinguir o que aprecio. Sempre lhe amei, mas, a melhor opção sempre foi os meus filhos. Peço desculpas se preferi Péricles. No caso, o amor não me moveu tanto quanto a defesa dos meninos. Fiz o necessário. Agora sou livre pra dirigir minha vida. Sinto estar envelhecida, mas acho poder lhe oferecer uma mulher solidária e amável.

—Querida, não posso dizer nada, pra não me sentir em conflito com Clara e Péricles.

— Bem, vou lhe levar pra casa, pra avaliar melhor o que deve fazer.

Quando íamos pelo caminho de casa, surgiram-me imagens fragmentadas, próximas dos últimos acontecimentos. Nada fazia muito sentido. A morte de Úrsula, as faceiras Helga e mamãe, Clara dizendo frases de pouco calor em torno do Projeto Avós de Passo Fundo... A fluidez do tempo e dos costumes...

A amizade compreende não ludibriar. Em razão das circunstâncias associei os acontecimentos à história de dois meninos romanos: andavam pela floresta, quando um urso ameaçou devorá-los. Surpreendeu os piás numa clareira onde havia um arbusto dando abrigo. O menino mais forte não deu opção ao companheiro. O garoto perdido jogou-se ao chão, fazendo-se de morto. O urso foi se achegando, cheirando uma das orelhas. A seguir, a fera se retirou. Ao descer do arbusto, o menino, pouco amigo, perguntou ao menino deitado. O que foi que o urso falou? Ele murmurou: fuja dos amigos fáceis.

Pois bem, seria trair a confiança de Péricles se não fosse ver de perto o que se passava com ele. O diabo tem disso, se aproxima cercado a vítima como o leão faminto, semelhante ao leão do arbusto. Enquanto olhava pela janela de meu apartamento, uma reflexão se fez insistente: os carros de um lado da avenida mostravam haver retorno do trabalho, do outro lado os alunos se dirigiam para a Universidade. Daqui a alguns anos aqueles que voltam do trabalho já partiram e aqueles que vão à universidade voltam dos trabalhos: assim em sequência. Se tudo é passageiro, então porque definir com veemência o absoluto. Me divertia com a imagem emblemática sobre a vida. Por que ser tão austero? O ser humano necessita o mínimo de princípios para não flutuar à deriva, solto na irracionalidade. A única questão é a reciprocidade e a alegria, mesmo que se viva de restos concedidos pela história, pela vontade e pelos costumes.

la ainda nadar em outras ondas de mísera filosofia, eis que, como um tufão, entram as duas rindo contentes, admiradas com o meu ar meditador.

— Nossa, que cara é esta! Por onde andou, papai?

— Fui ter com Maria, atrapalhada em relação ao marido. Contou-me da fragilidade do casamento.

— Não estou gostando desta vocação de consolador. Assim, papai se tornará o senhor das Avós de Passo Fundo.

— E perderá os anéis, completou Clara.

— Estou apenas buscando dar sentido à vida.

— Por que não volta a vender a Prima? Provocou Clara. O novo fornecedor está com nada. Não tem a mesma habilidade.

— Estou entrando na casa dos setenta. Meu lema sempre foi viver intensamente. Dez anos fazendo a mesma coisa começou a me dar engulhos. Basta.

— Vou conversar com o Péricles. Amizade tem disso: ver de perto os tons claros ou escuros dos amigos. No caso, está cinza-preto.

Em mim, caindo a noite, apontava o arrebol.

— Diz que me interessa continuar a empresa da Úrsula.

— Espera primeiro eu concluir o levantamento de tudo. Pode ser?

— Está certo, meu general.

Sinceramente, não gostei da grosseria da Clara. Definitivamente, existem dias aziagos. Este não é o dia que o Senhor fez para mim. Olhando bem, pode não ser tão mau. Uma mulher querendo voltar e outra se despedindo. Calma, seu Ângelo. Não posso ter tais pensamentos. Eles não são de paz, estão mais para aflição. Louco para ficar com a Maria e convivendo meses com a Clara. Por mais vezes que diga querida para ela, não atraio a ternura como se fosse água de fonte limpa.

Chegando na cervejaria, o vento lufava conversas surdas pela janela, ao me deparar com uma mulher desconhecida saindo da empresa. Fui logo falando ao entrar no laboratório da Prima.

— Uma cerveja não vale uma vida.

— Mas uma vida vale uma cervejaria, olhou-me com austeridade o Péricles.

—Vale tanto?

— Só vale, veja só. Não viu uma mulher saindo. Estou recriando a cerveja. Um estudo feito mostra a minha criação. A mulher levava o resultado para publicação do meu esforço. Meu vigário contava, quando eu era criança, que Davi pecou feio se deixando levar pela beleza da mulher do melhor soldado. Mandou que lutasse em perigos até morrer de uma pedrada. Ele, rei Davi, se perdeu completamente traindo o melhor soldado. Sucesso para mim é mais. Se depois pagarei o preço por tanto esforço, não sei. Só você fica aí sem ter mais o que fazer. Precisamos de você e fica ajudando velhas avós como se não tivesse que usar seu talento de vendedor.

— Pode parar este discurso cheio de interesses próprios. É verdade, ajudo as avós para fazer delas mulheres capazes de acompanhar melhor a vida dos netos. Algumas crianças estão se salvando comigo. Cada uma delas constitui o meu sucesso. Tem mais, fico bem melhor me ligando nessa tarefa, em vez de produzir riqueza vendendo a Prima. Por mais cerveja que se tenha, se faça ou se venda, apenas leva a algum lucro a mais. E deixe de cantar de galo que nosso tempo de vida é breve.

—Vou falar uma coisa. Não tenho mais nada com a Maria. Casou comigo pela garantia que lhe dava. Não temos mais o que falar. Acho bom ajudá-la se você quiser. Não se preocupe que nada falta. Deposito uma bolada na conta dela. Mais, nada tenho para dividir com ela. Falamos sobre isso o suficiente. Estou fora dessa casinha. Não adianta mentir ou forçar a barra, dizendo meu bem. Não funciona mais.

— Não estou lhe reconhecendo. Não entendo você enfiado nesta química. Agradeço o esforço feito, mas, você está possuído, já é compulsão.

— Nem tanto. Tenho boa companhia. A mulher vista na saída é a minha companheira.

— Você deixou a Maria sem falar comigo. Nossa amizade merecia mais confiança.

— Pois bem, quem me deixou na mão foi você.

— Vingança? Ressentimento?

— Fui mal, desculpe. Quanto à Maria... Acho que se ainda estiver de amor antigo... Não espera. Ela sempre esteve mais caída por você.

— Nunca fiz disso qualquer causa. Estive na minha. Sempre respeitei a sua união.

— Sei disso. Fica bem que ainda tenho o que fazer.

— Não me mande embora. Vou que as avós pediram uma reunião.

— Desculpa a minha grosseria. Faz-me um favor, fale com a Maria pra não esquecer o último compromisso, que será preparar a festa do meu último sucesso.

Confesso, fiquei devendo sobre qual seria tal compromisso Maria, entretanto, confesso também minha alegria por ter de volta a Maria, seja pela compulsão de Péricles em torno da cerveja, seja pelo novo amor de velho por uma jovem divulgadora.

Passados dois meses, consegui reunir os dados e a respectiva avaliação das iniciativas da Úrsula. Só uma mulher incansável para obter tais resultados. O maior lucro envolvia a alegria das parceiras da região. A boca das mulheres revelava a euforia da conquista. Também havia acordos solidários em torno de crianças e idosas ameaçadas de exclusão, conforme decisão das parceiras. Elas diziam a mesma coisa, que ela fazia tudo com muita tensão, manifestando o seu lado cruel da compulsão. Disseram do interesse dela em ajudar casas em extrema dificuldade. Chorei ao acessar a conta bancária. Mais de um milhão. Para que tudo isto? Úrsula querida? A violência alemã ainda mostrava a perversidade cometida tantos anos depois. Um pai desorientado na pobreza ameaçadora fez da filha a derradeira vítima.

Parte dos recursos seria devolvida para o projeto social das HH, a ser definido por Helga, por sugestão das mulheres de outros municípios. Investi o restante no nome da Elise. Tomei a liberdade de, consultada a vontade da filha, propor pequeno fundo para o aperfeiçoamento do projeto das Avós de Passo Fundo.

Até aqui o relato é sereno e fiel. Nem tão sereno foi atender ao desejo de Clara. Houve dissensão nas opiniões na forma de investimento e condução das HH. O decidido e a bondade de Úrsula não se ajustavam às inclinações da Clara. Pareceu haver ambição maior e menor aproximação com as parceiras anteriores, causando retração no interesse e autonomia. Clara sentiu-se traída, não conseguindo reaver a rede anterior. Apoiei a repaginação da HH original da minha casa. Que fosse explorada da melhor maneira. Para agravar a situação, pareceu-me a amizade com Elise, apenas um agrado para se aproximar do capital



decorrente das iniciativas anteriores. As estocadas sobre os recursos assim indicavam. O efeito da involução bateu em mim.

O vento levou a poesia, e meu coração começou a se expressar numa relação sem confiança. Aprimoramos o perfil do ambiente de nossa casa, para atender os desejos de Clara. A Helga Haus, não era a mesma. Enfim, nem a casa, tampouco nós dois éramos os mesmos. Dias depois, não suportando o ar pestilento, tivemos uma conversa franca revelando os interesses da Clara.

Ao sentir o sonho perdido e meu desinteresse em aumentar o patrimônio, mostrou-se mais irreverente. Bem que minha mãe, ao viajar com Helga, alertou: não ponha rede em rio de piranhas. Até o carinho por mim, sempre medido, mostrou razões para não prosperar.

Pela tensão de curtas frases vi o quanto o amor pode se liquefazer. Ela saiu de casa dizendo ir até a antiga casa da HH. Horas depois, lembrei de uma flor que havia plantado no terreno. Vou apanhá-la, pensei. Decisão oportuna. Lá chegando encontrei Clara na pequena sala, sem o brilho de outrora. O velho sofá mal suportava o seu peso e o de um cliente, apreciador da Prima e, pelo visto, da Clara também. Desculpem! Murmurei. Sai sem levar a flor.

Um diálogo sincero pôs fim a tudo. Ela pediu desculpas.

— Você sabe, Ângelo, não dava mais.

— Isto é verdade. Estou envelhecido, mas tão sem vigor?

Poderia esperar... até lhe dar a casa do riozinho.

— E a escritura?

— É da Elise.

— Vai me deixar mal.

— Pra Úrsula era o melhor ponto. Lucrava um bom dinheiro. Vê se fatura mais com os clientes.

— Não seja grosseiro.

— Desculpe.

Outrora me daria o direito de rir fazendo vibrar as portas. Agora estavam muito bem fechadas. A idade faz minimizar os efeitos deletérios e as euforias.

Passaram-se tantos anos. Os movimentos de entortar coluna foram diversos. Quando voltava do aniversário da Fundação Avós de Passo Fundo, dei-me conta da importância das intervenções juntos às avós e os netos: a miséria consome a alma, à exemplo do sofrimento da Úrsula. Acredito não ter sido tanto o auxílio financeiro para a melhoria das casas e do cotidiano atencioso, mas o reconhecimento recebido por elas. Não cansavam de manifestar a grandeza humana com palavras bem pronunciadas e humor saudável. Nas festas de fim de ano havia a certeza: comemoração festiva, com ritual renovador, minimizava as dificuldades sempre em torno. *Buenas*, percebi nesse dia um cansaço extremo. Pensei em rever a minha vida com o Boaventura. Marquei horário.

Bem cedo ouvi um galo cantar. Não seriam proibidos galos na cidade, lembrei? Pra variar o meu vizinho, colono aposentado, não se avexava de gravar animais soltando as vozes até dentro da noite. Cada qual a seu modo abandona o silêncio, tentando comunicação. Pobre vizinho, faltando com quem falar, trouxe o galo da infância. Às oito horas fui me comunicar. Eu pagando pra falar:

— Depois de anos veio me ver. Quase me vejo aposentado.

— Bom, ando velho como vê, Dr. Boaventura. Achei de andar solito, mas ando trôpego.

— Ando também *despacito*.

— Nada demais que a velhice não traga.

— Depressão?

— Longe disso. Apenas um pouco enjoado. Enfado, mas do resto satisfeito.

— Quer dizer, semelhante às paisagens da antiga Divisa.

— Da Divisa apenas uma lembrança, mas dela guardei o encanto antigo.

— Mas o que lhe traz?

— Sabe, depois do velório da Úrsula, rapidamente me aproximei da Clara. Decepção. Acabei a relação de pouca perspectiva. Encontrei-a transando com outro na casa onde você já provou a Prima.

— Sei. E que cerveja! Pelo jeito a relação andava passada.

— Mais ou menos. Procurei, então, o antigo amor de Maria.

— Então já decidiu retornar pra Maria. E o Péricles?

— Está bem lembrado, Doutor. O Péricles está enterrado com a Prima e outras da mesma espécie. Enquanto ele aperfeiçoa a Prima e ama outra mulher que lhe dá cobertura no desenvolvimento das cervejas e nos lucros, volto a quem amei por primeiro. Os nossos filhos estão bem; Maria está livre para mim... Enquanto não aparecerem os netos.

— Se não sabe, lhe digo. Você foi meu terapeuta. O seu senso de humor me converteu.

— Não vim cobrar o benefício falei.

— Deixou de vez a Prima?

— A Prima artesanal e a Clara tradicional.

— E os sonhos das terras mortas?

— Verdejaram. Os rios serpenteiam os vales e as árvores frondosas. Os pássaros retornaram, do inhambu à pomba carijó. Apenas uma área com sombras.

— Acaso se chama Mônica?

— Mônica e Helga.

— Apenas estranho. O amor ultimamente possui diversas residências.

— Líquido, flutuante, provisório, diverso, perturbador e tudo mais a se assemelhar aos camaleões.

— A sagrada união de homem e mulher parece não mais corresponder à realidade.

— Ser hetero em união para sempre era obrigação. Agora parece ser mais uma opção. Ri, mais confortado, pensando em mamãe.

— Deixe o resto da sua paixão se expressar antes de o vento levar suas folhas.

— Sabe, dr Boaventura, Maria me devolve o restante da minha juventude. Deus resolveu alegrar minha velhice. Vou entrar nesse altar. Vou celebrar com a nova cerveja do Péricles. Ele afirma, lembrando padre Ferronato, que Jesus transformou água em vinho por não conhecer nossa cerveja. Amor em mim é isto, ser parte do eterno retorno.

— Você com Maria, como ficou a Elise?

— A Elise já solicitou independência. Quer um apê pra ela. Virá dos resultados da mãe. Já convive com um rapazinho, gente boa.

— A vida não dá descanso!

— Por certo!

— Os arroubos da natureza estão ainda presentes?

— Limitados pela idade. Minhas memórias recentes estão inibindo o fluxo de meus arroubos, mas tenho as tardes lindas e as manhãs com calores. Maria é meu prêmio final.

— Pela confissão, tenho a impressão de uma boa velhice. Pelo que sei as avós merecem a sua presença.

— Aceito a recomendação.

Por fim, convidei-o para uma reunião de amigos e amigas na casa da Maria.



Ela se avolumou em mim. Fui, então, à casa da Maria. Estava preparando a missão da noite. Helga havia entregado a ela o cardápio para acompanhar a Prima e outras cervejas do Péricles. Não havia como não apreciar os produtos, desde o Eisenbein e o Chucrute. Como resistir ao tradicional *Himmel und Erde* (“Céu e Terra”) feito de purê de batatas e maçãs, servido com linguças grelhadas? Fui chegando entre as mesas como gato à espreita da vítima. Abracei-a por trás. Ao volver a cabeça, beijei-a. A divina ternura desceu-me toda. O desejo erótico retornou na proporção de uma fonte nova.

- Calma, homem. Aqui é lugar de respeito. A hora não é propícia. Os convidados estão chegando.

- Mal posso esperar pelo fim da ceia.

- Quem chegará?

- Não tenha pressa, deguste a hora.

Maria solicitou que me pusesse em ação. Cobrir a madeira das mesas com a toalha festiva, com a imagem das cervejas, incluindo a Cervage. Os pratos, talheres, guardanapos, copos e água, vasos de epífitas coloridas, não faltando orquídeas Vanda. Em tinas bem dispostas gelavam as cerveja, desde a Prima, a Cervage até as últimas criações de Péricles.

- Que festa será esta, instei?

- Segredos de mulher.

Depois, chegaram Helga e minha mãe. Caminhavam não sabendo quem das duas era o maior apoio.

- As viajantes dos mares, exclamei!

- As deusas Afrodite e Tetis, respondeu mamãe.

- Bem se vê. São de outro mundo.

- *Net so*, ainta não, debochou Helga.

Em rápidas palavras ouvi o que foram as aventuras gloriosas das duas. Perderam-se no aeroporto de Frankfurt, pra desespero de mamãe, sem dizer água em qualquer outra língua. Helga a protetora daquele velho afeto a encontrou. Imaginei o abraço de reencontro. Compunham um quadro de afetos discretos. Sentimentos sem extremos. Apenas para ter comunicação, pra afastar o abandono no qual se sentiam.

- Tormimos bem chuntas pra tirar o frio. Uma alecria de velhas. Maria, como tá ponita a tua HELGA HAUS.

- E eu to feliz em ver vocês chuntos, como diz a Helga, disse minha mãe por me ver com Maria.

- Agora é para sempre, mamãe!

- Pela idade, não será por tanto tempo.

- Por certo! Que seja eterno enquanto dure, como disse Vinícius!

Surpresa agradável foi ver Fábio entrando pátio adentro. Chegou a nossa autoridade. Vai entrando e depois dê opiniões para Maria. Olhe, Péricles, entrando também. Está acompanhado por Clotilde. Abracei-a, falando: aqui tudo funciona como ensinou o mestre da Cervage. É apreciar à vontade. Depois mostrem a conta pra Maria. Ela terá a honra em conhecê-la, Clotilde.

Quando me distraí alguém deitou a cabeça em meu ombro.

- É você, Elise, que bom! Não podia faltar nesta celebração.

- Tenho novidade, papai. Estou grávida. Federico é o pai.

- Senhor Federico, tão jovem me fazendo avô. Escuta rapaz, mal lhe conheço.

- São coisas da vida, seu Ângelo.

- Ou apenas a vida das coisas.

- Não tenha preocupação. Estou de trabalho esperto.

- Pai, desviou Elise, tudo bem pensado. O projeto das Avós de Passo Fundo tem mais notícias.

- Sabe mais do que eu?

- Por que não? Estamos querendo ajudar no projeto. Oito netos iniciais resolveram ampliar a iniciativa. Esta é a surpresa. Estamos pensando em criar o memorial das dez avós, incluindo as falecidas. O centro precisa de mais gente e de novas avós em situação de risco.

- Faz bem em pensar assim.

Federico afastou-se um pouco para observar o ambiente. Aproveitei o momento para me aproximar dele.

- Conhecendo o ambiente, Federico? Em cada casa existe um mundo a ser conhecido. Haverá surpresas agradáveis e outras cheias de perplexidade.

- Estou vendo, seu Ângelo.

- Nem tudo é visto, muito se oculta. Somente um bom olho começa a decifrar o mistério de uma casa. Faz lembrar o filme de Federico Fellini, o mais completo cineasta, italiano genial. Ele recriou no filme *Amarcord* as lembranças da aldeia da sua infância. Especialmente, um quadro é admirável; explico, de tempos em tempos, no mar aberto ao largo da aldeia passava um grande navio. Todos queriam ver de perto o monstro marítimo. Em pequenos barcos, grande parte da população se dirigia para ver o grande navio passar. Muito próximos da grandeza impressionante, apreciavam a passagem. Um cego, de sanfona ao colo, pede: o que vocês estão vendo? O que vocês estão vendo? Falem comigo! O silêncio continuava em reverência ao navio. É uma saga emblemática de nossa casa. Na passagem da casa diferente do navio nós passeamos com ela.

- Estou neste navio, seu Ângelo. Deixarei no mar muitas histórias, mas, prometo que farei de tudo para o bem dos passageiros.

- É meu desejo, Federico. Que o filme da sua vida tenha semelhança com a qualidade dos filmes de Fellini.

- Vou me esforçar pra não fazer feio.

- Olha aí quem vem chegando, Federico: Gabriel e Rafael, seus cunhados.



- Elise, sempre atenta, sentiu-se nas nuvens: noite perfeita.  
Assim conheço melhor meus irmãos.

Maria, Elise e eu fomos ao encontro dos dois homens.

No abraço mal cabia toda a nossa alegria.

Veio também o casal diretor da Fundação Avós de Passo Fundo.  
A velhice tem disso: tem histórias com muitos laços.

Olhei, curioso, pra Maria.

- Está tudo preparado, meu bem?

Reuniu o grupo ao discursar: *Estamos comemorando a nova cerveja, Triticale, um produto para Helga Haus homenagear os esforços de Péricles. Estou inaugurando este sabor. Contém a suavidade do trigo e a rusticidade do centeio. Como nossos amigos e amigas aqui presentes sabem, tudo começou com meu marido e o Péricles. Dou testemunho da importância do nosso cervejeiro maior, Fábio. Homenageio também a Úrsula. ainda criarei um monumento para ela. Deus seja louvado em Helga e minha sogra Mônica. Bendigo a presença de nossos filhos e minha nova filha, Elise! Ao chegar me deixou avó. Obrigada.*

Fomos a que vimos: degustar a nova criação: Triticale.

Quinto Félix, o namorado, e Clara me abraçaram. Havia paz; a paz das cervejas artesanais.

Federico mostrava-se comovido.

- Seu Ângelo, esta casa me surpreende. Começo a ver cada vez mais.

Trôpegas se achegavam minha mãe e Helga. Maria mal se continha observando o resultado da festa em andamento.

- Boa viagem pra todos, desejei!



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Agostinho Both é autor de obras literárias e acadêmicas. Participou em diversos livros e revistas voltados para temas regionais e, particularmente, sobre conflitos de nosso tempo. Agostinho tem o prazer de escrever romances, contos e crônicas mostrando de maneira livre seu pensamento sobre a realidade regional. Possui estilo livre de preconceitos acadêmicos. Sua bagagem de pensador e professor faz com que penetre de maneira alegre, crítica e sensível sobre a cultura miscigenada. Acima de tudo procura entender as culturas e as gentes que povoam seu mundo vivencial e cultural. O livro *A vida Intensa de Ângelo Penteado* traz um universo de conflitos e lutas no enfrentamento dos limites apesar do caráter claudicante do personagem. Se tudo parece se desmanchar no ar... sobra a comunicação para pôr uma luz enquanto se conversa.

**Ângelo Clemente Penteado, senhor de porte médio, otimista inveterado, feito de alegrias breves e precárias. O sorriso transbordava com um senso de humor não hostil. O caráter vacilante se dá em recorrências diferentes. Não tem vocação de urutau, diversifica os postes e as razões de viver. Chegando aos anos adultos, não perdera o viço das contemplações de toda sorte. Não aceitava viver pela metade. Aos quarenta foi diagnosticado sofrer de neurose eufórica.**



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

